



Campanha Vitícola de 2024-2025 no Alentejo

Em resumo:

Ano quente com elevada precipitação entre janeiro e abril

Produções abaixo do normal

Maturação normal

Elevada pressão de míldio que foi facilmente controlado

Pressão de pragas menor que em 2023-2024



ATEVA

Associação Técnica dos Viticultores do Alentejo
Alentejo Winegrowers' Technical Association

A média das seis estações meteorológicas mostra que a campanha 2024-25 no Alentejo foi quente, com uma temperatura média anual 0,5°C acima da média dos últimos 14 anos, e com precipitações 31% acima da média (Tabelas 1.1 e 1.2). O Verão foi 1°C mais quente que a média e com 73% da precipitação anual concentrada no Inverno e Primavera.

Tabela .1.1. Médias das temperaturas e precipitações das seis estações meteorológicas – Portalegre, Borba, Redondo, Évora, Reguengos e Vidigueira.

	Média 2012-25		Campanha 2022-23		Campanha 2023-24		Campanha 2024-25		Var. Temp 2024-25 vs' média	Distribuição da Precipitação Média	Distribuição da Precipitação 2024-25	Var. Precipitação 2024-25 vs' média
	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	%	%	%
Alentejo												
Inverno	10,1	229	10,2	120	11,1	316	10,3	440	0,2	30%	48%	92%
Primavera	16,7	162	18,6	52	17,0	163	17,0	226	0,3	23%	25%	39%
Verão	23,8	36	24,3	70	24,2	8	24,8	12	1,0	6%	1%	-67%
Outono	14,5	274	16,0	402	15,2	349	14,8	240	0,3	41%	26%	-12%
Ano	16,4	702	16,3	644	16,9	835	16,8	918	0,5	100%	100%	31%

Tabela 1.2- Médias das precipitações e temperaturas mensais das seis estações meteorológicas.

	Média 2012-25		Campanha 2022-23		Campanha 2023-24		Campanha 2024-25		Var. Temp 2024-25 vs' média	Distribuição da Precipitação Média	Distribuição da Precipitação 2024-25	Var. Precipitação 2024-25 vs' média
	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	%	%	%
Alentejo												
Out	17,8	101	19,3	85	19,3	187	17,2	143	-0,6	14%	16%	41%
Nov	12,4	96	13,2	96	13,2	113	14,4	70	2,0	14%	8%	-27%
Dez	10,0	80	12,4	238	9,4	37	9,7	12	-0,3	11%	1%	-85%
Jan	9,1	86	8,6	68	11,1	148	10,0	183	0,9	12%	20%	113%
Fev	10,2	61	9,6	9	12,0	80	10,6	73	0,4	9%	8%	21%
Mar	11,8	108	13,2	27	12,3	167	11,3	234	-0,5	15%	26%	117%
Abr	14,5	75	17,9	8	15,6	44	14,5	141	0,0	11%	15%	87%
Mai	18,1	36	18,7	20	17,6	7	17,8	33	-0,2	5%	4%	-7%
Jun	21,6	12	23,5	25	20,8	32	24,0	5	2,4	2%	1%	-60%
Jul	24,5	3	24,6	0	25,2	3	25,2	2	0,7	0%	0%	-21%
Ago	24,8	2	26,1	0	25,8	0	25,9	1	1,1	0%	0%	-76%
Set	21,4	42	21,0	68	20,9	17	21,1	21	-0,4	6%	2%	-51%
Ano	16,4	702	17,4	644	16,9	835	16,8	918	0,5	100%	100%	31%

À semelhança da campanha anterior, a dinâmica da distribuição das precipitações voltou a desviar-se do normal, com um outono seco (26% de precipitação em vez da média de 41%), inverno e primavera muito chuvosos (73% de precipitação em vez da média de 53%), seguida de um verão seco. As chuvas ocorreram em abundância em janeiro, março e abril. O outono e inverno tiveram temperaturas ligeiramente acima da média (+0,2 e +0,3°C). As temperaturas na primavera foram 0,3°C acima da norma (Tabela 1.1). O mês de novembro foi particularmente quente, atrasando a entrada em repouso vegetativo (Tabela 1.2). O mês de junho foi 2,4°C mais quente do que a média com cerca de 10 dias com máximas acima de 35°C.

Borba e Portalegre

Nuno Chegadinho

Clima

A temperatura média anual foi 0,4°C e 0,5°C acima da média dos últimos 14 anos em Borba e Portalegre, respetivamente. A precipitação anual excedeu a média em 220 mm (+30%) e 250 mm (+25%), totalizando 963 mm e 1267 mm em Borba e Portalegre, respetivamente (Figura 2.1, 2.2 e Tabela 6.1). Durante o ano hídrico de 2024/2025 (outubro a setembro), a precipitação concentrou-se durante os meses de janeiro a abril com 635 mm em Borba e 751 mm em Portalegre), representando 66% e 59% da precipitação anual, respetivamente (Figuras 2.1 e 2.2; Tabelas 6.1 e 6.2). As temperaturas em novembro foram 1,8°C e 2,2°C acima da média em Borba e Portalegre, atrasando a entrada em dormência da videira (Figuras 2.1 e 2.2; Tabela 6.2). Março e abril além de muito chuvosos, foram também mais frios que a média, com o frio a prolongar-se até maio. O verão foi 1,1°C e 1,2 °C mais quente em relação à média em Borba e Portalegre e recebeu menos de metade da precipitação normal (Tabela 6.2). Estas condições climáticas foram propícias ao desenvolvimento do mildio no início da campanha (Figura 2.8). Temperaturas acima de 35 °C ocorreram de maio a setembro em Borba e de junho a agosto em Portalegre, totalizando 47 e 37 dias, respetivamente (Figura 2.5). Não se registaram temperaturas acima de 40°C em Portalegre, mas houve 8 dias muito quentes em Borba de junho a agosto (Figura 2.5). Estes aspetos climáticos foram determinantes para a cultura e para a qualidade final da uva. A acumulação de temperaturas acima de 10°C, entre janeiro e outubro, totalizou 2440° em Borba (162°C ou 7% acima da média de 14 anos) e 2311° em Portalegre (150° ou 7% acima da média) (Figuras 2.3 e 2.4 e tabela 6.5).

As duas regiões registaram um balanço hídrico anual positivo (Σ [precipitação – evapotranspiração]), com Portalegre a apresentar +246 mm e Borba +68 mm (Tabela 6.4). Em Portalegre, balanços positivos ocorrem em cerca de metade dos anos, enquanto em Borba esta foi a única ocorrência ao longo dos 14 anos de registos das nossas estações meteorológicas. Durante a primavera e o verão verificaram-se défices hídricos significativos, de 411 mm em Borba e 528 mm em Portalegre, ao passo que no inverno e outono se registaram excedentes de 476 mm e 775 mm, respetivamente (Tabela 6.4).

O balanço hídrico agrícola reflete as necessidades de rega e é mais útil para a viticultura. Corresponde à diferença entre a precipitação efetiva, i.e., a quantidade de precipitação que infiltra e fica disponível na zona radicular da cultura, e a evapotranspiração da cultura (ETc) que, no caso da vinha, é uma fração da evapotranspiração de referência. O balanço hídrico agrícola foi positivo de outubro a abril e negativo de maio a setembro, atingindo um saldo de +205 mm e +52 mm em Portalegre e Borba, respetivamente (Figura 2.6).

Noites tropicais¹ foram mais numerosas no Alto Alentejo, comparadas com as outras regiões, ocorrendo de junho a agosto em Portalegre e de maio a setembro em Borba com um total de 25 e 28, respetivamente (Figura 2.7). As amplitudes térmicas diárias² durante o ciclo vegetativo são

¹ Noites tropicais: temperatura mínima diária igual ou superior a 20°C

² Diferença entre a temperatura máxima e a temperatura mínima diária.

também menores no Alto Alentejo com uma média de 12°C em Portalegre e 13°C em Borba (Figura 2.7). As diferenças observadas entre o Alto Alentejo e as restantes sub-regiões refletem sobretudo a influência das condições topográficas e atmosféricas locais. No Alto Alentejo, a presença de relevo mais acidentado, maior humidade e alguma nebulosidade noturna reduz a perda radiativa de calor, o que mantém temperaturas mínimas mais elevadas e origina um maior número de noites tropicais. Estas mesmas condições, associadas a uma menor ventilação noturna, limitam o arrefecimento do ar e contribuem para amplitudes térmicas diárias mais baixas. Pelo contrário, nas planícies mais secas e expostas do centro e sul do Alentejo, o arrefecimento noturno é mais eficaz, resultando em mínimas inferiores, menor frequência de noites tropicais e amplitudes térmicas diárias mais elevadas.

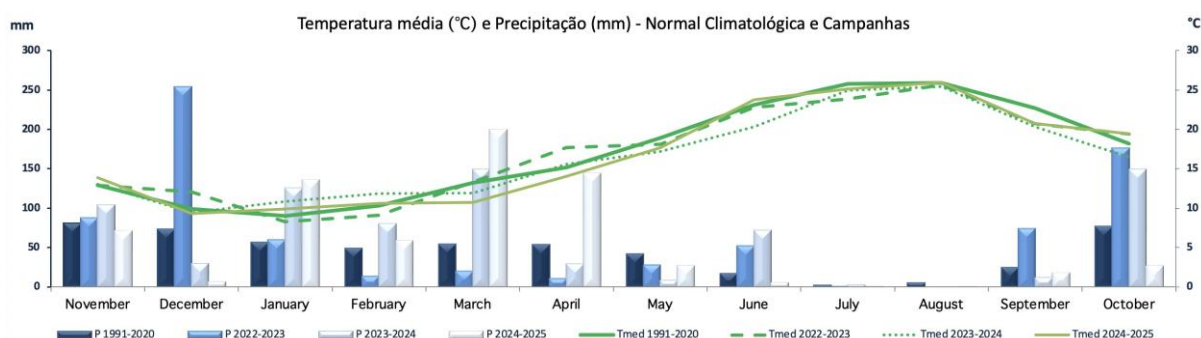


Figura 2.1. Temperaturas e precipitações mensais em Borba. Fonte: Ibermeteo.

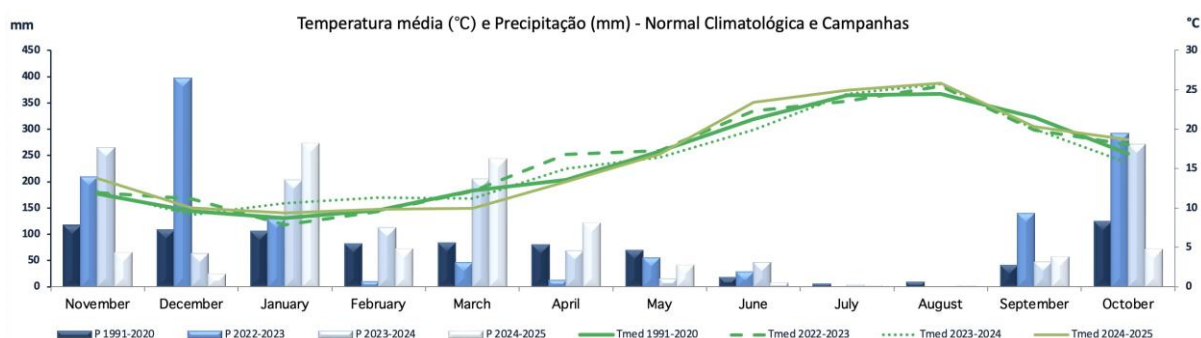


Figura 2.2. Temperaturas e precipitações mensais em Portalegre. Fonte: Ibermeteo

O início do ciclo vegetativo reuniu condições climáticas muito favoráveis ao desenvolvimento do mildio (Figura 2.8).

Necessidades de frio

Tipicamente, a escolha da casta está mais relacionada com as necessidades térmicas necessárias à boa maturação enquanto o número de horas de frio necessárias para que os gomos dormentes retomem o crescimento de forma uniforme é geralmente descurado.

A videira é uma espécie de clima temperado quente, e as suas necessidades de frio são moderadas quando comparadas com outras fruteiras. Existe uma escassez de informação sobre este tema, mas sabe-se que as castas portuguesas têm, em geral, necessidades de frio moderadas (100 — 400 horas de frio com temperatura entre 0°C e 7,2 °C), compatíveis com invernos portugueses. Com o aquecimento global, várias regiões vitícolas — incluindo o Alentejo — registam invernos mais curtos e menos frios, o que pode levar à redução das horas

de frio acumuladas, levando à necessidade de adaptar castas ou práticas de manejo (poda tardia, reguladores de crescimento, sombreamento), e ao deslocamento geográfico de zonas vitícolas para altitudes mais elevadas (ver [Santos, Costa, e Fraga, 2019](#))³.

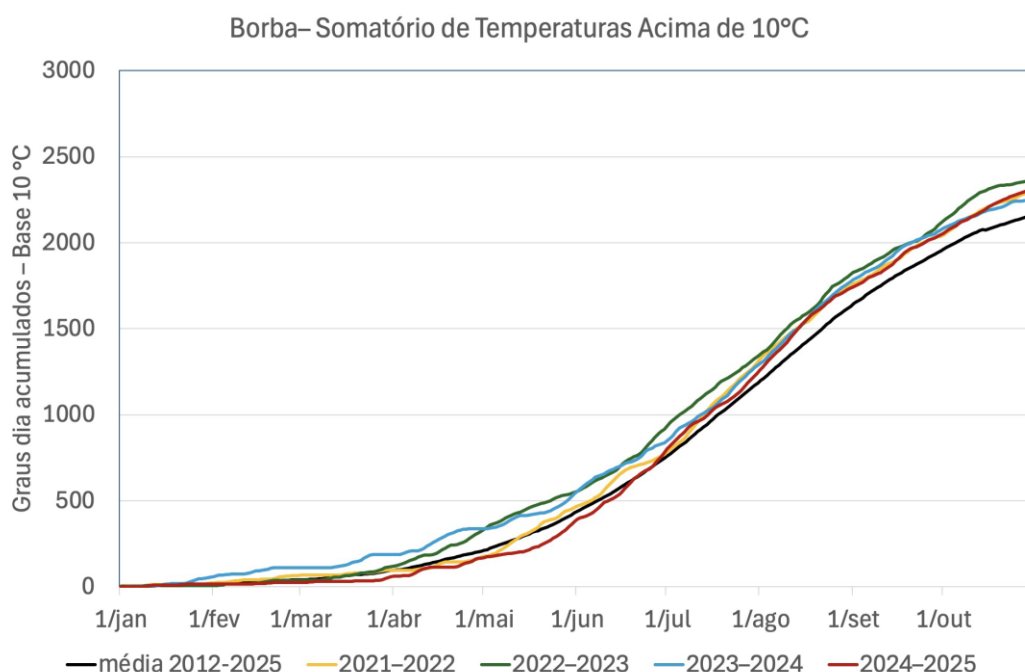


Figura 2.3. Acumulação de temperaturas ativas em Borba. Dados extraídos de FieldClimate.

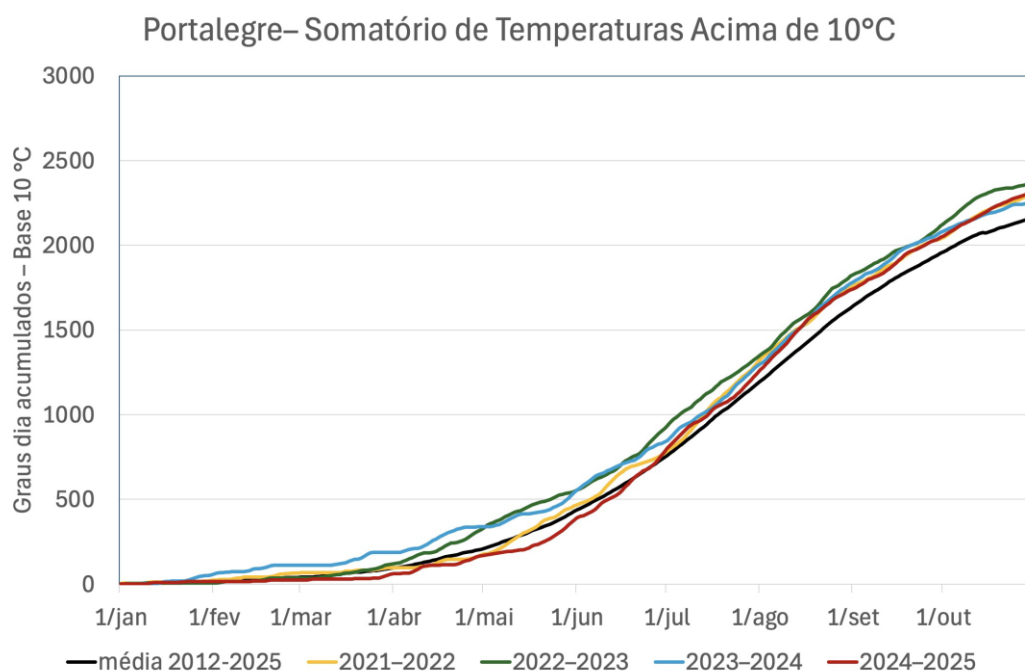


Figura 2. 4. Acumulação de temperaturas ativas em Portalegre. Dados extraídos de FieldClimate.

³ Santos, J. A., Costa, R., & Fraga, H. (2019). New insights into thermal growing conditions of Portuguese grapevine varieties under changing climates. *Theoretical and Applied Climatology*, 135(3), 1215–1226.

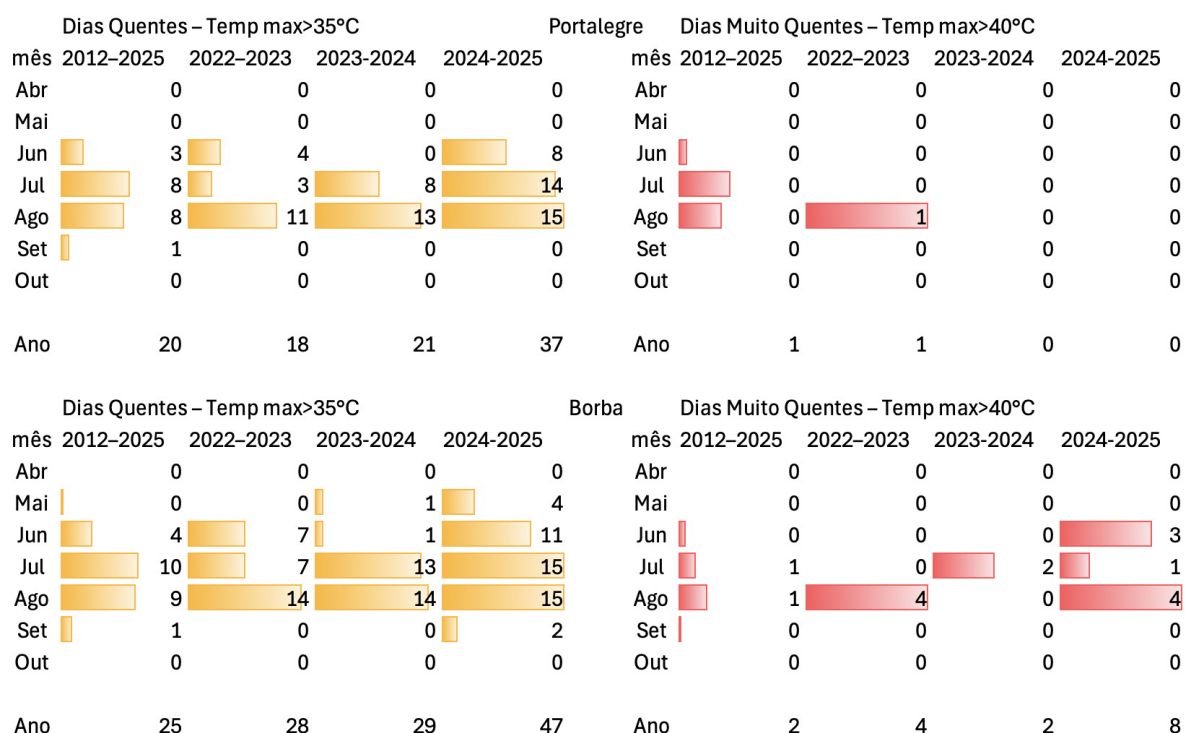


Figura 2.5. Dias quentes e muito quentes em Portalegre e Borba. A definição europeia de dias quentes é “dias em que a temperatura máxima iguala ou supera 30 °C”. Dados extraídos de FieldClimate

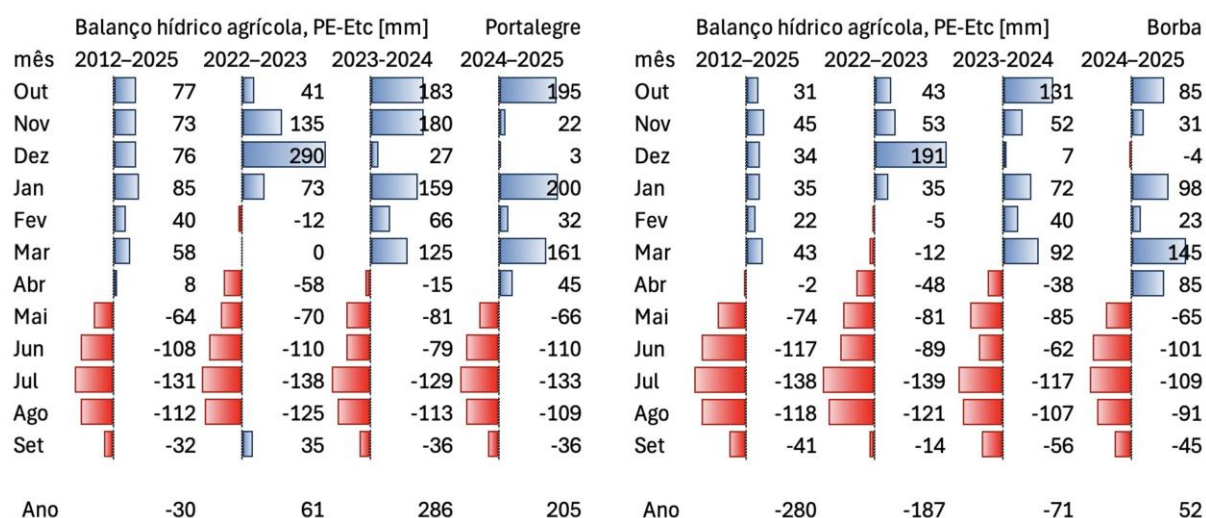


Figura 2.6. Balanço hídrico agrícola (somatório da diferença entre a precipitação efetiva e a evapotranspiração cultural) em Portalegre e Borba.

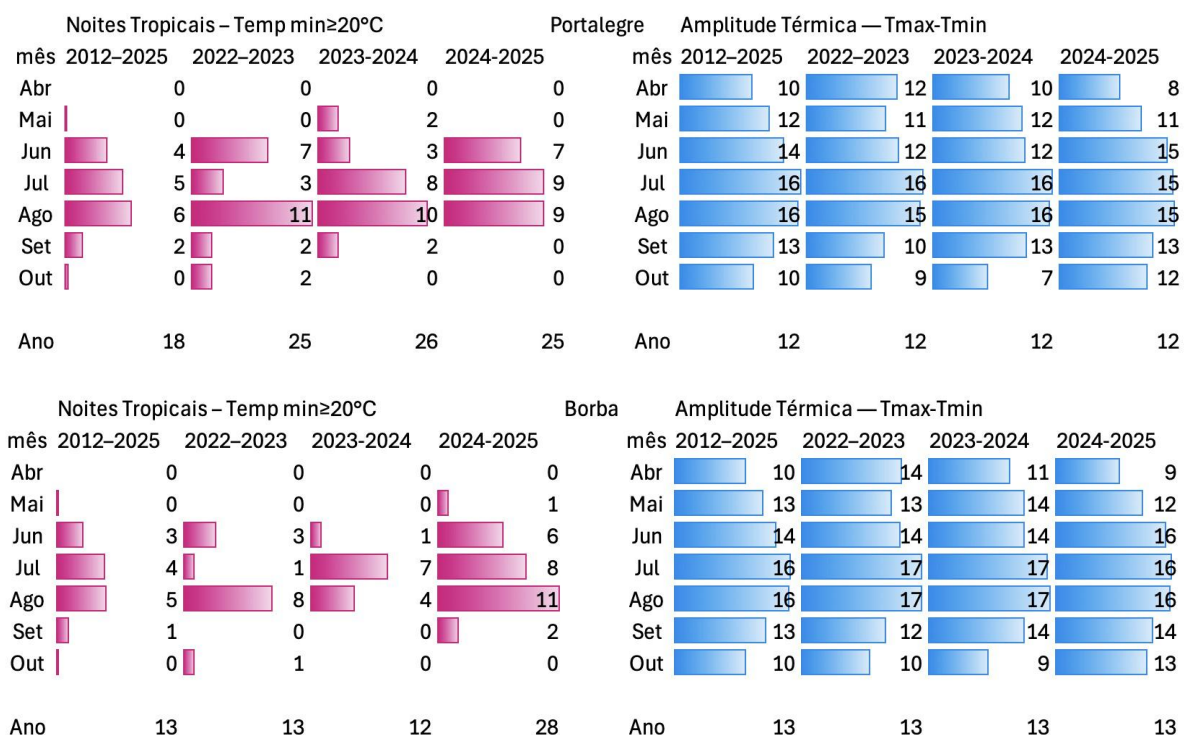


Figura 2.7. Noites tropicais — dias com temperatura mínima maior ou igual a 20°C — e amplitudes térmicas diárias em Portalegre e Borba.



Figura 2.8. Número de dias com condições climáticas propícias ao desenvolvimento do mldio em Portalegre e Borba. Dados extraídos de FieldClimate.

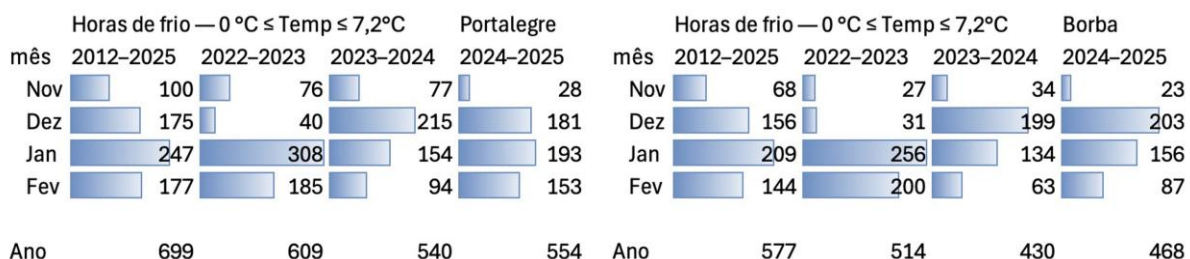


Figura 2.9. Acumulação de horas de frio de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro em Portalegre e Borba.

Fenologia

O abrolhamento ocorreu a 26 de março em Borba e a 2 de abril em Portalegre. A floração ocorreu a 23 de Maio em Borba e 30 de Maio em Portalegre. O início da maturação (pintor) ocorreu a 5 e 12 de agosto em Borba e Portalegre, respetivamente. A vindima iniciou a 20 de Agosto e prolongou-se até meio de outubro. A figura 2.10 mostra a variação temporal dos estados fenológicos nos últimos anos, que está relacionada com a acumulação de temperaturas ativas (acima de 10°C).

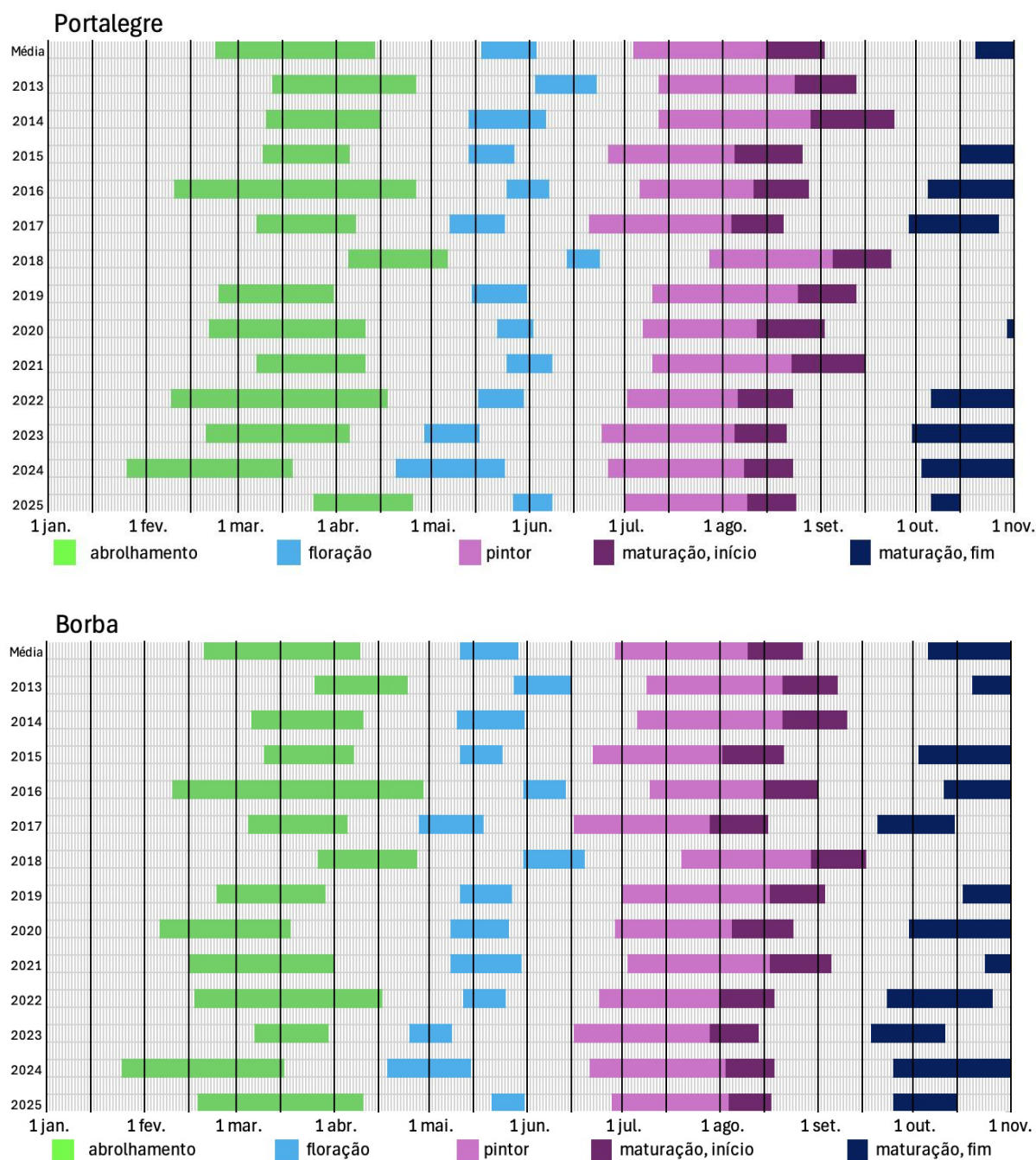


Figura 2.10. Estados fenológicos da videira em Portalegre e Borba. O abrolhamento ocorre entre 35 e 135° dia (somatório das temperaturas ativas— acima de 10°C — a partir de janeiro); a floração entre 310 e 450° dia; o pintor entre os 800 e 140° dia; o início da vindima entre os 1400 e os 1650 ° dia e o fim entre 2100 e 2400° dia.

Balanço fitossanitário

Míldio



Figura 2.11. Sintomas de míldio.

As condições meteorológicas registadas ao longo de toda a campanha (outono/inverno e primavera) contribuíram para um ano, em termos fitossanitários, complicado, no que refere ao **míldio**. A precipitação registada na primavera, associado a temperaturas médias elevadas, contribuiu para a maturação dos oósporos. As precipitações ocorridas nos meses de janeiro a abril, associadas à fenologia, foram determinantes para que ocorressem as infeções primárias sucedendo-se infeções secundárias. Os estragos provocados pelo míldio não foram elevados, apesar de as condições terem sido sempre favoráveis foi adotada uma cadência de tratamentos bastante apertada atuando sempre de forma preventiva.

Oídio



Figura 2.11. Sintomas de oídio

O oídio, doença endémica na sub-região de Borba, em 2025 foi menos severa quando comparada com as campanhas anteriores. As intervenções em verde, nomeadamente a poda verde, desfolha, e despampas/despontas, foram fundamentais para a otimização dos tratamentos fitossanitários. A maior presença de sintomas verificou-se em maio/início de junho. A estratégia de proteção fitossanitária foi mantida até ao fecho do cacho.

Traça da Uva (*Lobesia botrana*)

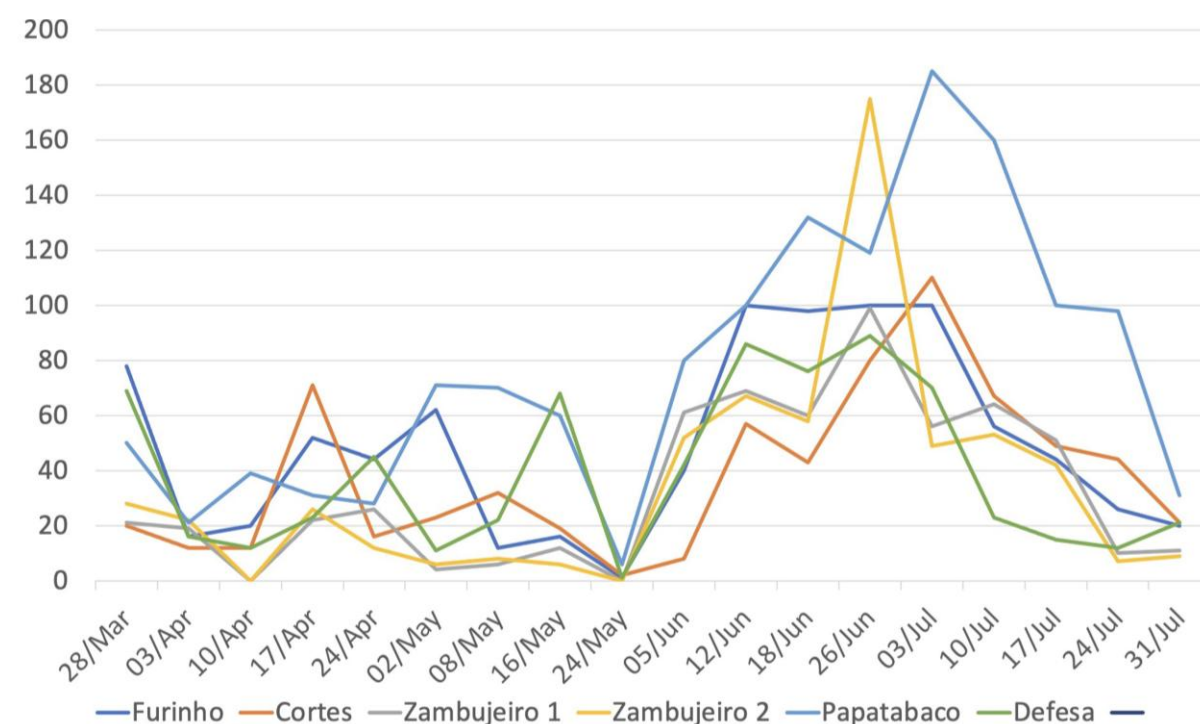


Figura 2.13. Dinâmica das populações de Traça-da-Uva (*Lobesia botrana*) em várias localidades em Borba.

Traça da Uva Portalegre 2025

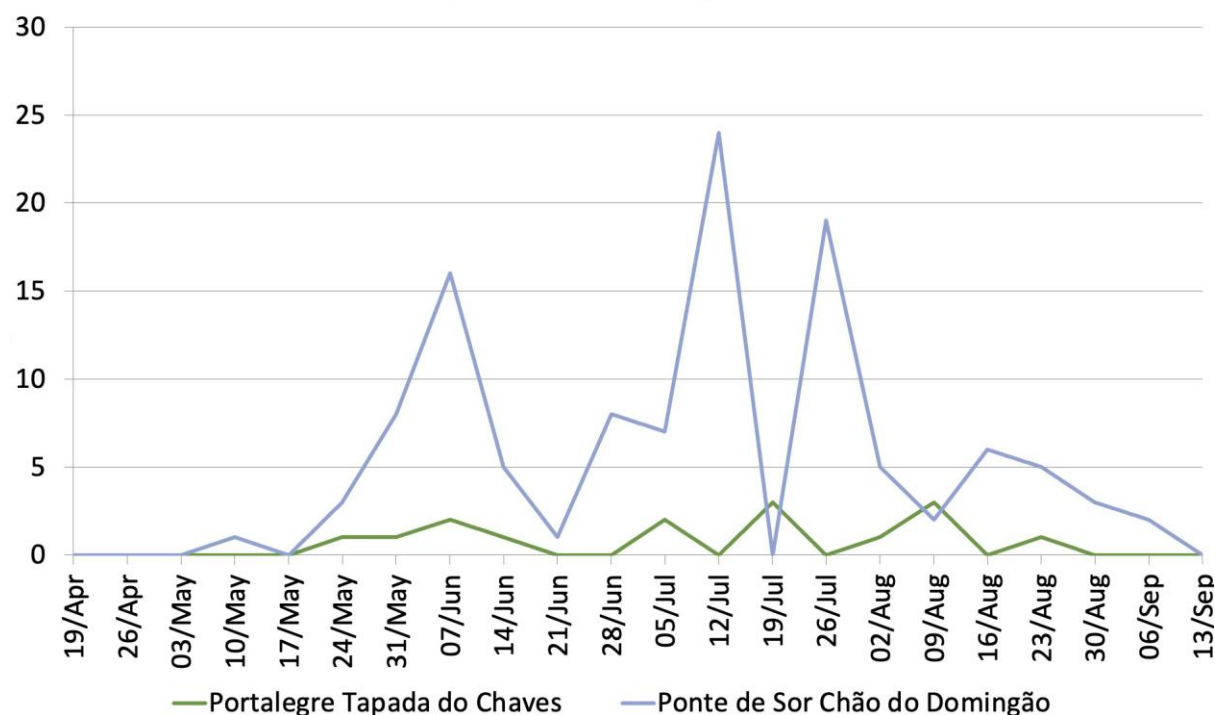


Figura 2.14. Dinâmica das populações de Traça-da-Uva (*Lobesia botrana*) em duas localidades em Portalegre.

Os primeiros adultos de traças foram observados nas armadilhas a 28 de março, data média das primeiras capturas na sub-região de Borba (Figura 2.13). O primeiro voo foi intenso em dois POB's, Monte da Estrada e Papatabaco, ocorrendo o pico do voo entre 10 e 24 de maio, tendo-se

registado, em todos POB's, um NEA de 20% (n.º ninhos/100 cachos observados) da primeira geração no estado fenológico floração/alimpa (Figura 2.13).

O segundo voo correspondente à segunda geração teve um primeiro pico (Zambujeiro 1 e Papa Tabaco) nomeadamente a 23 de junho e 03 de julho, tendo-se registado um NEA de 2% de cachos com posturas (1-10% cachos com posturas) na fenologia bago ervilha/fecho dos cachos (Figura 2.13) Nos restantes POB's os picos de voo verificaram-se nas mesmas datas, no entanto não se registaram contagens de ovos nem lagartas.

Em Portalegre, a praga não é uma praga chave. Os estragos resultantes da sua presença não são significativos nem fisiológica nem economicamente. Destacamos dos POB's o de Portalegre e o de Ponte de Sor. Neste último, destacamos dois picos do voo, um correspondente à primeira geração, a 2 de Junho, e outro correspondente à segunda geração, a 12 e julho (Figura 2.14).

Cigarrinha Verde (Jacobyasca lybica)

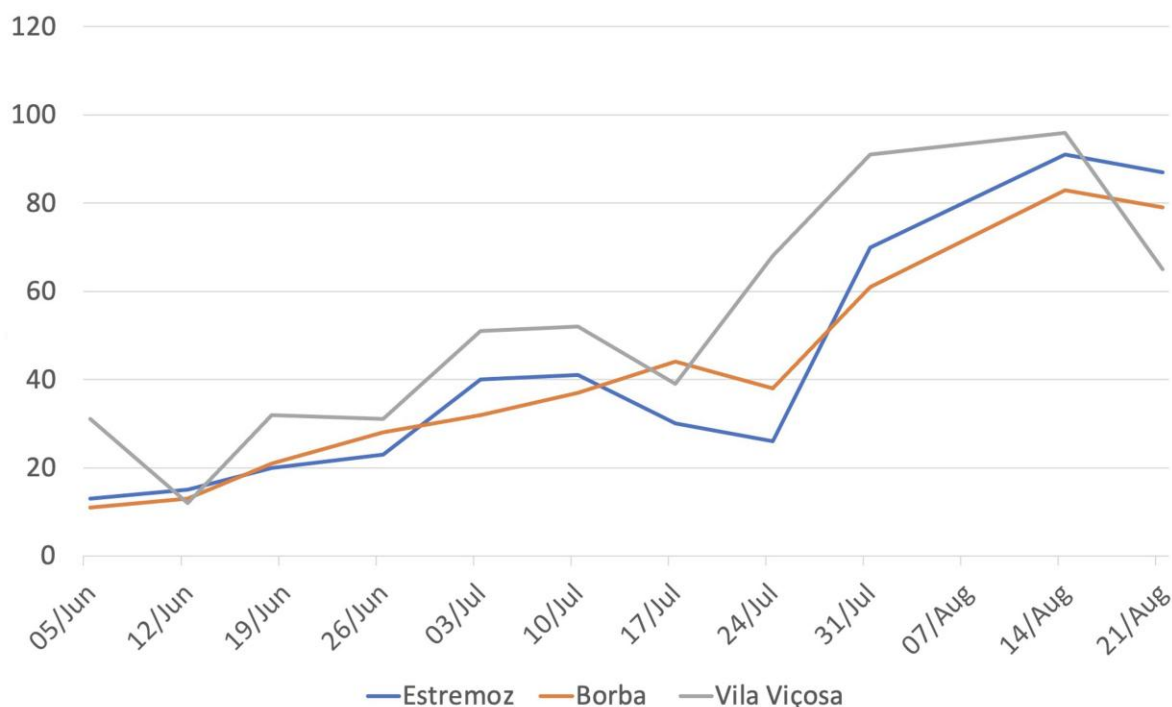


Figura 2.15. Dinâmica das populações de cigarrinha verde em Estremoz, Borba e Vila Viçosa.

Este ano os problemas com esta praga resultaram em ataques pouco significativos quando comparado com os históricos da praga para a região (Borba e Portalegre). O NEA determinado para a época (NEA 50 - 100 de ninfas/100 folhas observadas) só foi atingido no final de julho. Estes ataques não causaram estragos significativos na superfície foliar das videiras.

Redondo e Évora

António Rosa

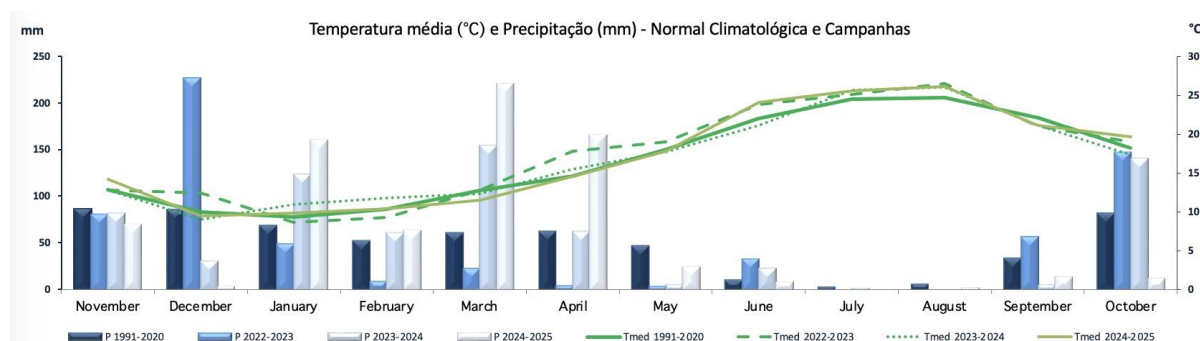


Figura 3.1. Temperaturas e precipitações mensais em Redondo. Fonte: Ibermeteo.

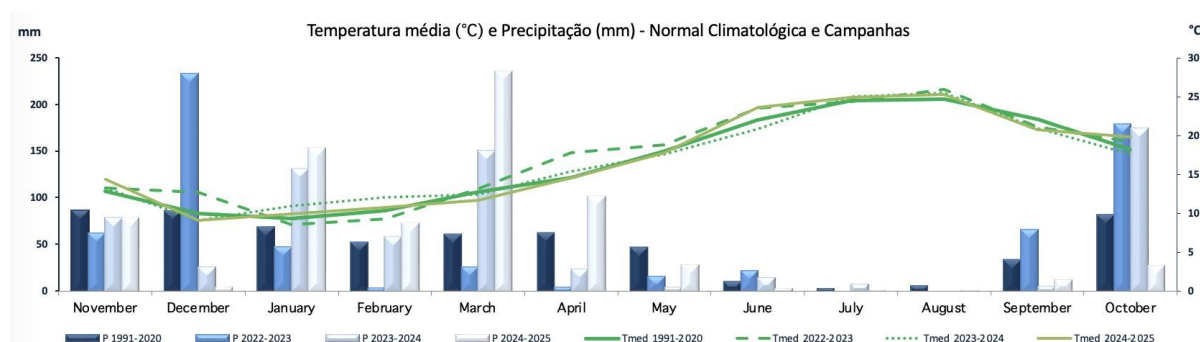


Figura 3.2. Temperaturas e precipitações mensais em Évora. Fonte: Ibermeteo.

A temperatura média anual em Redondo e em Évora foi 0,5°C e 0,4°C acima da média dos últimos 14 anos (Figuras 3.1 e 3.2, Tabelas 6.1 e 6.2). A precipitação anual em Redondo foi 129 mm mais alta (+20%) que a média, totalizando 780 mm (Figura 3.1 e Tabelas 6.1 e 6.2). Évora foi a região do Alentejo onde se verificou o maior desvio de precipitação com um incremento de 370mm em relação à média (+54%), totalizando 1058 mm de outubro a setembro (Figura 2.2 e Tabelas 6.1 e 6.3). A precipitação concentrou-se durante o período de janeiro a abril (667 mm em Redondo e 701 mm em Évora), representando 85% e 66% da precipitação anual, respetivamente (Figuras 3.1 e 3.2, Tabelas 6.1 - 6.3). As temperaturas em novembro, foram 2,1° e 2°C acima da média em Redondo e em Évora, contribuindo apenas 33 e 37 horas para satisfazer as necessidades de frio, respetivamente (Tabelas 6.2 e 6.3 e Figura 3.9). O ano iniciou com temperaturas e precipitações acima da média em janeiro e fevereiro. Março foi frio e muito chuvoso, dificultando as operações culturais no início do ciclo vegetativo. Estas condições climáticas foram propícias ao desenvolvimento do míldio no início da campanha (Figura 3.7). O verão foi mais quente e mais seco que a média de 14 anos (Tabela 6.1). Temperaturas acima de 35 °C ocorreram de maio a setembro, totalizando 62 dias em Redondo e 47 dias em Évora (Figura 3.5). Entre junho e agosto, as temperaturas ultrapassaram os 40°C num total de 19 dias em Redondo e 9 dias em Évora (Figura 3.5).

A acumulação de temperaturas acima de 10°C, entre janeiro e outubro, totalizou 2526° em Redondo (+171° ou 7% acima da média de 14 anos) e 2474° em Évora (+168° ou 7% acima da média) (Figuras 3.3 e 3.4 e tabela 6.5).

As duas regiões apresentaram um balanço hídrico anual negativo (Σ [precipitação – evapotranspiração]), com o Redondo a registar -326 mm e Évora -114 mm (Tabela 6.4). A primavera e o verão foram caracterizados por um déficit de 566 mm em Redondo e 699 mm em Évora. Valores positivos registaram-se no inverno e outono, com um excedente de 240 mm em Redondo e 585 mm em Évora (Tabela 6.4). Estes valores são menos negativos do que a média.

O balanço hídrico agrícola —diferença entre a precipitação efetiva (PE) e a evapotranspiração da cultura (ETc) é um índice mais útil visto que serve de base ao cálculo das necessidades de rega. O balanço hídrico agrícola foi positivo de janeiro a abril e negativo de maio a setembro em Redondo, totalizando um deficit anual de 191 mm (Figura 3.8). Em Évora este índice foi positivo de outubro a abril e negativo de maio a setembro, resultando num déficit anual de 32 mm (figura 3.8).

Noites tropicais⁴ ocorreram 4 vezes em Évora (julho e agosto) e apenas uma noite em agosto em Redondo. (Figura 3.6). Redondo foi a região que registou as maiores amplitudes térmicas com uma média de 17°C de diferença entre a temperatura máxima e mínima. Évora registou amplitudes térmicas de 16°C, muito semelhantes à região de Reguengos. As amplitudes térmicas elevadas durante a maturação são benéficas porque promovem maturações mais equilibradas, melhor cor e aroma e vinhos de maior qualidade e frescura.

A acumulação de horas de frio foi suficiente para satisfazer as necessidades da vinha em todos os anos medidos (Figura 3.9).

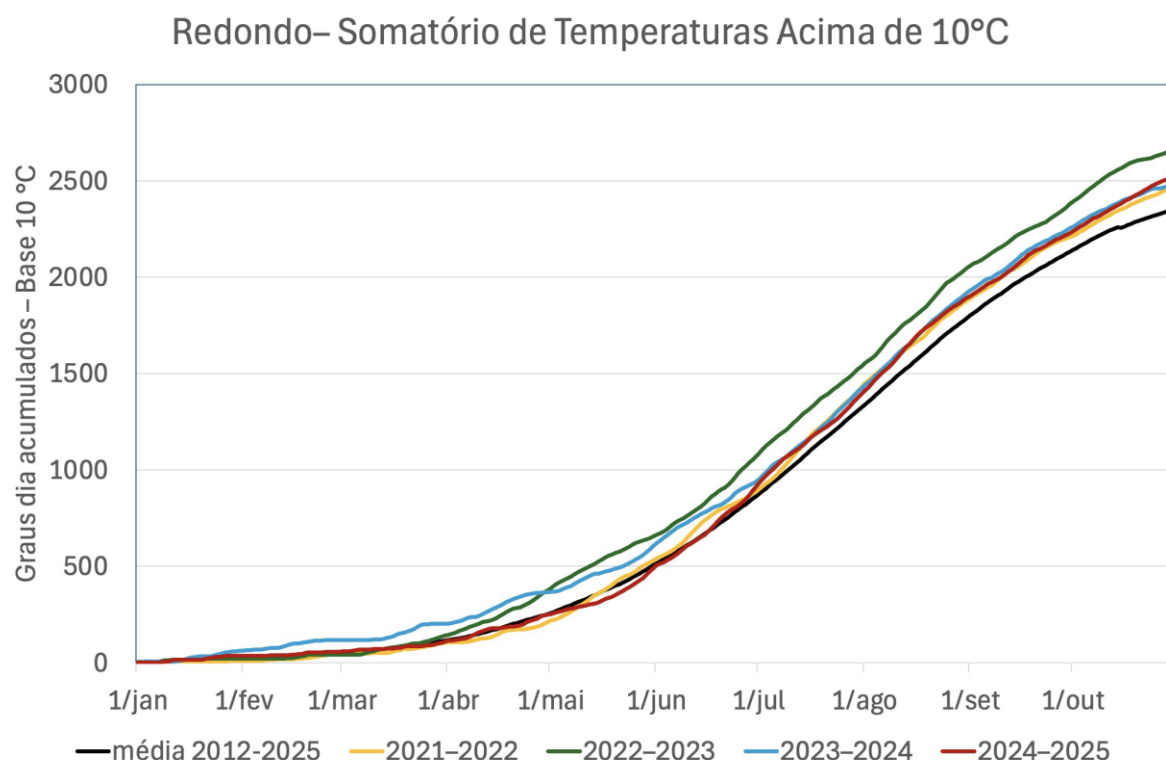


Figura 3.3. Acumulação de temperaturas ativas de janeiro a outubro em Redondo. Dados extraídos de FieldClimate.

⁴ Noites tropicais: temperatura mínima diária igual ou superior a 20°C

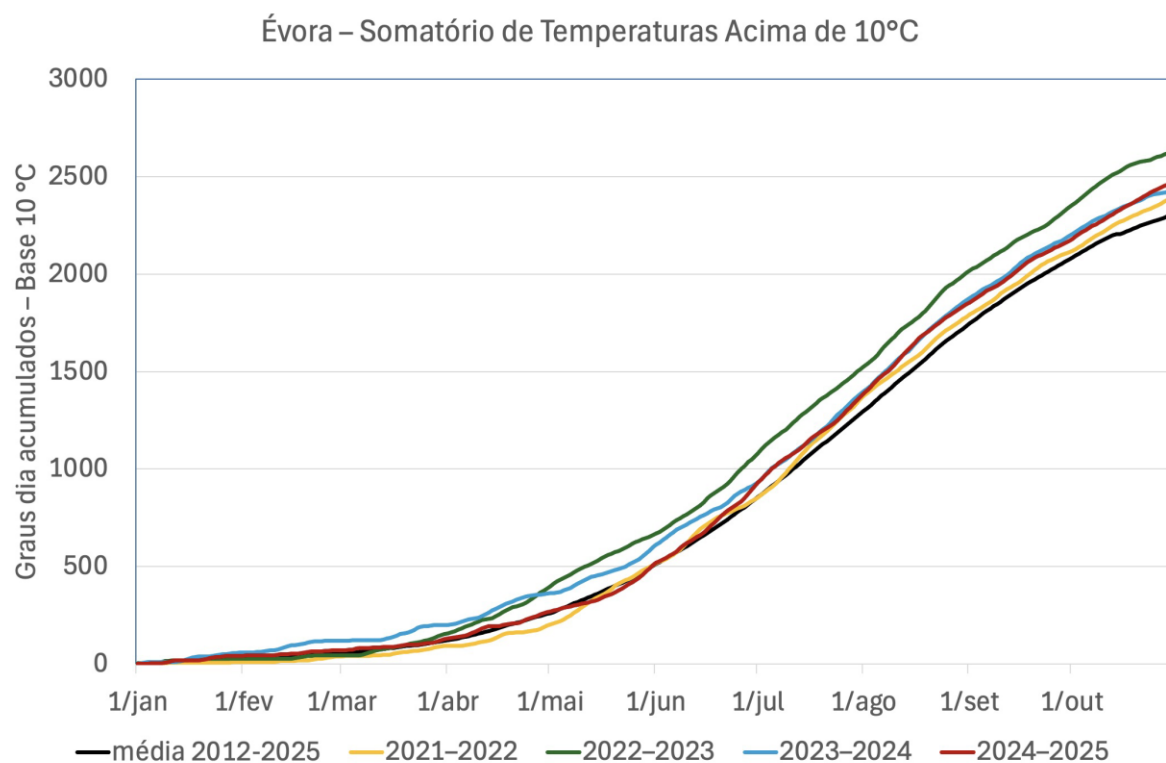


Figura 3.4. Acumulação de temperaturas ativas de janeiro a outubro em Évora. Dados extraídos de FieldClimate.

Dias Quentes – Temp max>35°C					Redondo					Dias Muito Quentes – Temp max>40°C				
mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025
Abr	0	1	0	0	Abr	0	0	0	0	Abr	0	0	0	0
Mai	1	0	3	4	Mai	0	0	0	0	Mai	0	0	0	0
Jun	7	10	3	11	Jun	2	3	0	5	Jun	2	3	0	5
Jul	17	16	17	22	Jul	4	2	4	5	Jul	4	2	4	5
Ago	16	18	24	19	Ago	3	8	4	9	Ago	3	8	4	9
Set	5	2	2	6	Set	0	0	0	0	Set	0	0	0	0
Out	1	6	0	0	Out	0	0	0	0	Out	0	0	0	0
Ano	47	53	49	62	Ano	8	13	8	19					

Dias Quentes – Temp max>35°C					Évora					Dias Muito Quentes – Temp max>40°C				
mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025
Abr	0	0	0	0	Abr	0	0	0	0	Abr	0	0	0	0
Mai	1	0	3	4	Mai	0	0	0	0	Mai	0	0	0	0
Jun	5	8	2	10	Jun	1	0	0	3	Jun	1	0	0	3
Jul	12	9	16	15	Jul	2	0	3	1	Jul	2	0	3	1
Ago	12	15	18	15	Ago	2	5	0	5	Ago	2	5	0	5
Set	3	2	1	3	Set	0	0	0	0	Set	0	0	0	0
Out	0	1	0	0	Out	0	0	0	0	Out	0	0	0	0
Ano	33	35	40	47	Ano	4	5	3	9					

Figura 3.5. Dias quentes e muito quentes em Redondo e em Évora. Dados extraídos de FieldClimate.

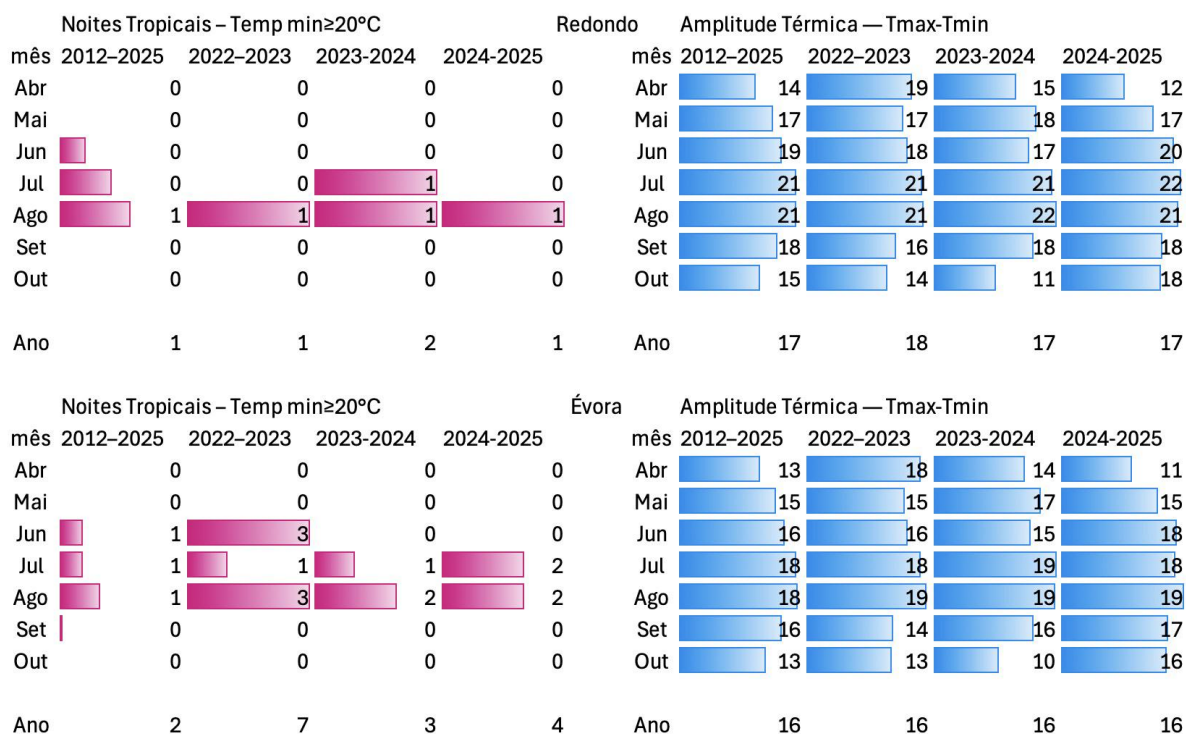


Figura 3.6. Noites tropicais e amplitudes térmicas em Redondo e em Évora.

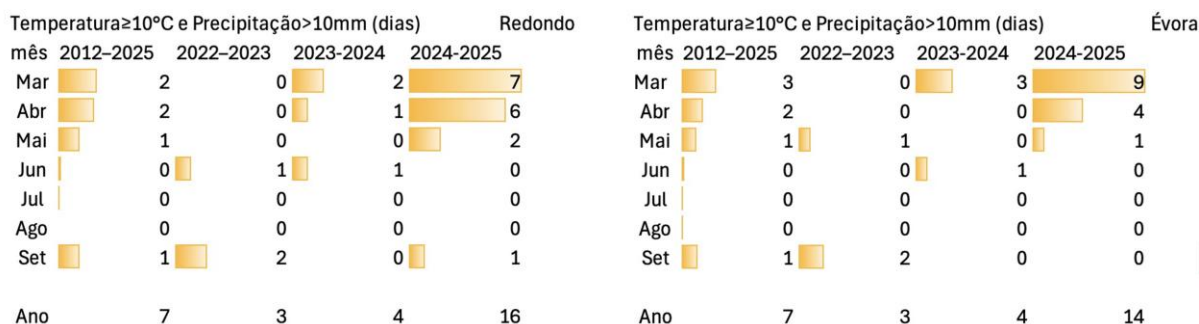


Figura 3.7. Número de dias com condições climatéricas propícias ao desenvolvimento do mildio em Redondo e em Évora.

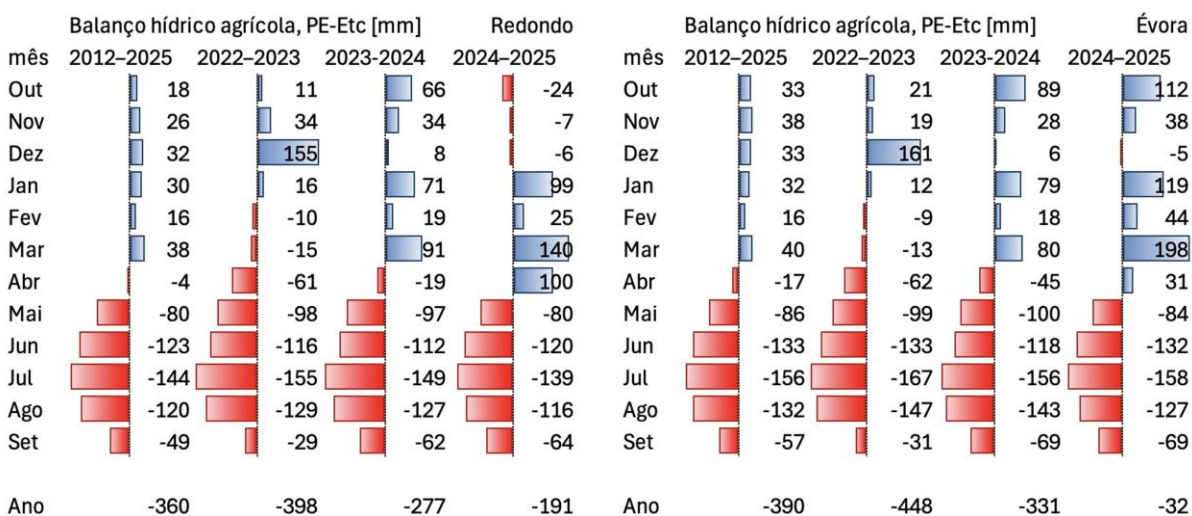


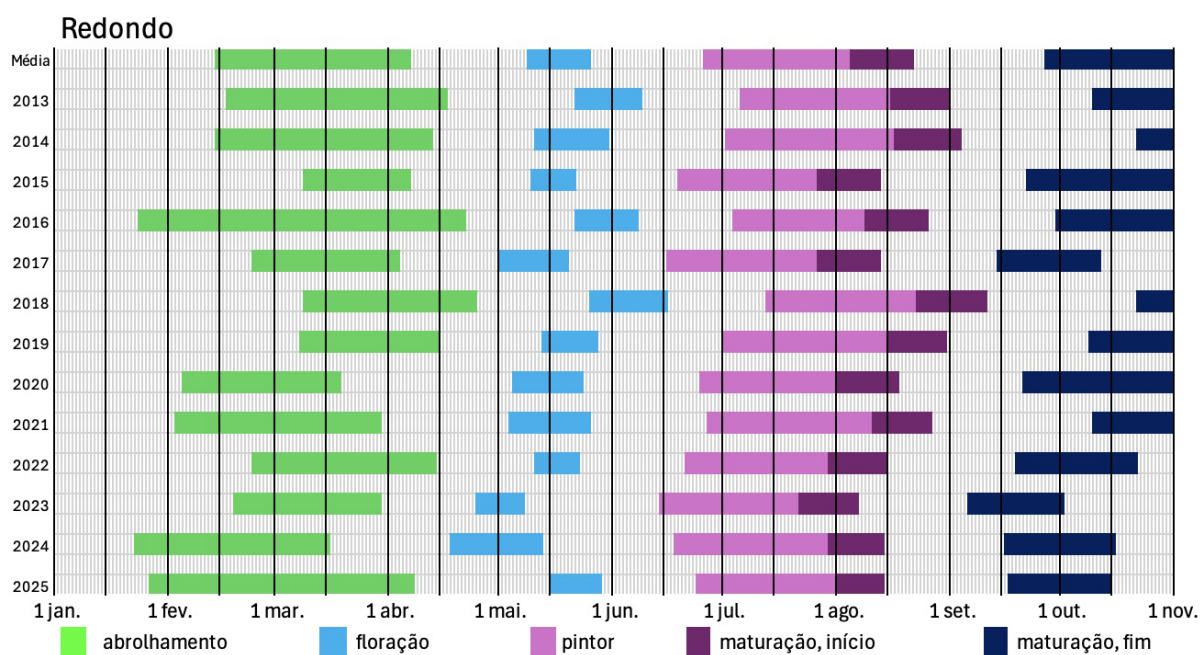
Figura 3.8. Balanço hídrico agrícola (somatório da diferença entre a precipitação efetiva e a evapotranspiração cultural) em Redondo e Évora.



Figura 3.9. Horas de frio de 1 de novembro a 28/29 de fevereiro em Redondo e em Évora.

Fenologia

O abrolhamento ocorreu a 24 de Fevereiro e a floração a 23 de Maio. O início da maturação (pintor) ocorreu a 4 de Julho. A vindima iniciou a 5 de Agosto e prolongou-se até 30 de Setembro. A figura 3.10 mostra a variação temporal dos estados fenológicos nos últimos anos, que está relacionada com a acumulação de temperaturas ativas.



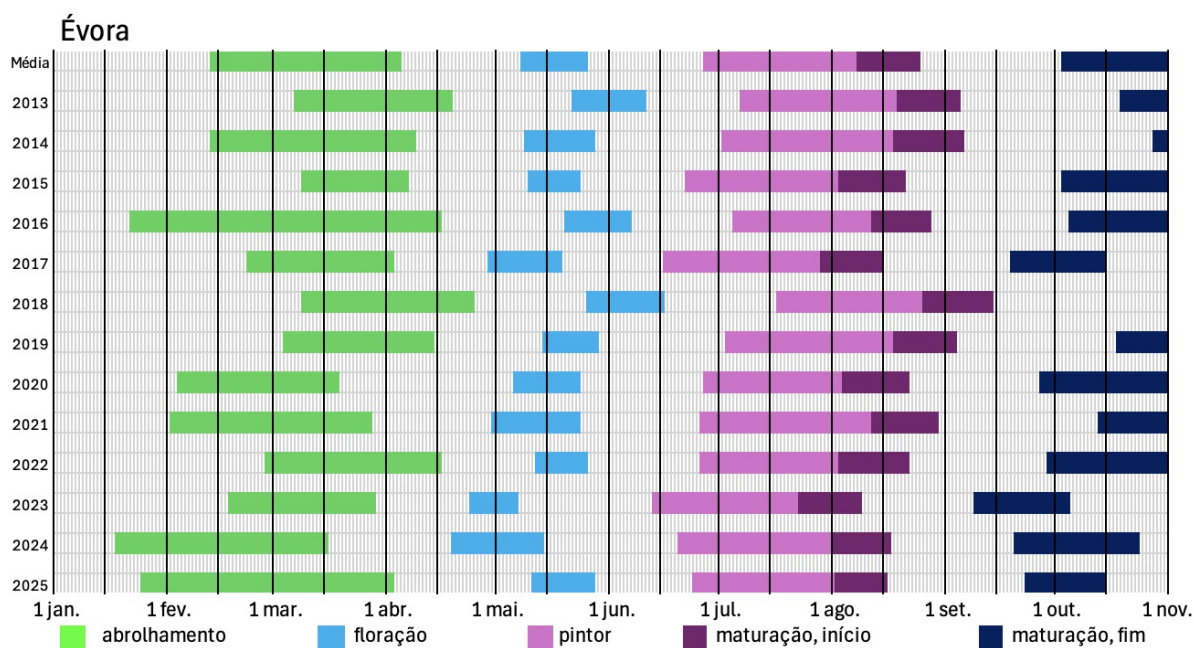


Figura 3.10. Estados fenológicos da videira em Redondo e em Évora. O abrolhamento ocorre entre 35 e 135° dia (somatório das temperaturas ativas— acima de 10°C — a partir de janeiro); a floração entre 310 e 450° dia; o pintor entre os 800 e 140° dia; o início da vindima entre os 1400 e os 1650 ° dia e o fim entre 2100 e 2400° dia.

Balanco fitossanitário

Nesta campanha registaram-se períodos prolongados de precipitação que, associados à temperatura e ao intenso desenvolvimento foliar, criaram condições muito favoráveis ao aparecimento e propagação do míldio, tal como sucedera na campanha anterior.

Desde o início do ciclo vegetativo previa-se já uma produção inferior à do ano anterior, dado que algumas castas apresentaram menor carga de uva do que o habitual. Na fase final do ciclo, particularmente em agosto, o tempo muito seco e quente provocou destruição precoce da folhagem e dificuldades na maturação dos bagos, traduzindo-se, em algumas castas, em dificuldade em atingir o grau desejado, irregularidade na maturação e perdas significativas de peso por escaldão e desidratação.

O míldio foi a doença que mais preocupou os viticultores, exigindo um número de tratamentos superior ao normal na região. Apesar disso, os danos foram, em geral, menos severos do que no ano anterior. O oídio, habitualmente a doença mais problemática, teve uma incidência reduzida, em parte devido às condições meteorológicas e ao facto de muitos tratamentos contra o míldio terem incluído substâncias eficazes contra o oídio.

As doenças do lenho mantiveram-se preocupantes, continuando a causar elevada mortalidade de plantas — sobretudo na casta Aragonez, mas com alguma disseminação a outras variedades, embora com menor intensidade. A cigarrinha-verde voltou a ser a praga mais lesiva, levando à realização de tratamentos generalizados, ainda que com uma incidência inferior à habitual. Verificou-se, contudo, um uso inadequado de produtos fitofarmacêuticos,

com recurso excessivo a piretróides (mais económicos), o que resultou em reinfestações mais intensas.

Nesta campanha não se registaram ataques relevantes de aranha-amarelo, acariose ou cochonilhas, e a traça manteve-se sem expressão, com capturas muito baixas nas armadilhas.

A chuva no início do ciclo dificultou a aplicação de herbicidas residuais em várias vinhas, provocando um aumento das infestantes. Nas vinhas mobilizadas, a precipitação intensa e concentrada atrasou as operações de mobilização do solo. A rega permitiu atenuar os efeitos da falta de chuva no final do ciclo, mas foi, na maioria dos casos, insuficiente para garantir uma maturação completa.

Pontualmente ocorreram episódios de granizo que causaram danos localizados, sem afetar toda a região.

Mantiveram-se as dificuldades na execução atempada e adequada dos diversos trabalhos — desde a poda até aos tratamentos — devido à baixa rentabilidade das uvas e à necessidade de reduzir custos. Esta limitação refletiu-se também na adubação (de solo, foliar e em fertirrigação), agravada pelo aumento do número de tratamentos e, conseqüentemente, dos custos de produção. A falta de mão de obra continuou a agravar-se.

A vindima decorreu sem grandes sobressaltos, verificando-se um aumento da área colhida mecanicamente. Cresceu ainda a adesão à Produção Integrada, à Agricultura Biológica e ao PSVA.

Todas estas circunstâncias resultaram numa quebra de produção regional estimada em superior a 30% face à campanha anterior.

Reguengos

António Mau

Clima

A temperatura média anual foi 0,4°C acima da média dos últimos 14 anos (Figura 4.1 e 6.1). A precipitação anual foi 32% mais elevada do que a média, totalizando 682 mm. Dezembro foi relativamente seco seguido de 5 meses de precipitação acima do normal (Figura 4.1 e Tabelas 6.1 e 6.3). O mês de novembro foi particularmente quente com temperaturas 2°C acima da média, o que atrasou a entrada em repouso vegetativo. À semelhança da campanha anterior, janeiro e fevereiro foram mais quentes do que média, mas de março a maio, registaram-se temperaturas baixas e precipitação elevada, reunindo condições ideais para o desenvolvimento do mildio no início da campanha (Figura 4.5). O verão foi ligeiramente mais quente e mais seco que a média de 14 anos (Tabela 6.1). Temperaturas acima de 35 °C ocorreram de maio a setembro, totalizando 59 dias — mais 7 dias do que a campanha passada (Figura 4.3). De junho a agosto, as temperaturas ultrapassaram os 40°C num total de 15 dias (Figura 4.3). A acumulação de temperaturas acima de 10°C, entre janeiro e outubro, totalizou 2679° (+144° ou 6% acima da média de 14 anos) (Figura 4.2 e tabela 6.5).

O balanço hídrico anual (Σ (precipitação – evapotranspiração) foi negativo, mas menos do que a média, totalizando um déficit de 455 mm (Tabela 6.4). A primavera e o verão foram caracterizados por um déficit de 702 mm. Valores positivos registaram-se no inverno e no outono com um excedente de 585 mm, muito acima da média de 73 mm (Tabela 6.4).

O balanço hídrico agrícola —diferença entre a precipitação efetiva (PE) e a evapotranspiração da cultura (ETc) representa as necessidades de rega. O balanço hídrico agrícola foi menos negativo que a média totalizando um deficit anual de 296 mm (Figura 4.6).

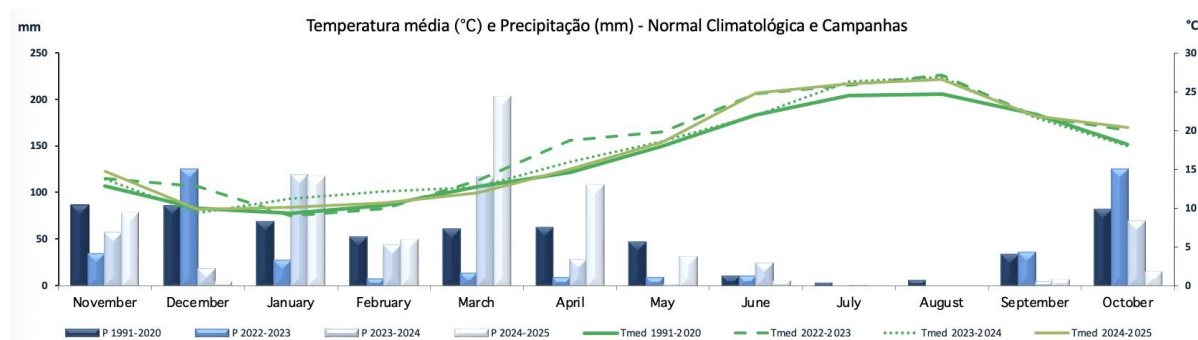


Figura 4.1. Temperaturas e precipitações médias mensais em Reguengos. Fonte: Ibermeteo

Noites tropicais⁵ ocorreram 2 vezes em junho, 2 vezes em julho e 5 vezes em agosto (Figura 4.4). Reguengos registou uma média de 16 °C de diferença entre a temperatura máxima e a mínima (Figura 4.4), semelhante a Évora.

⁵ Noites tropicais: temperatura mínima diária igual ou superior a 20°C

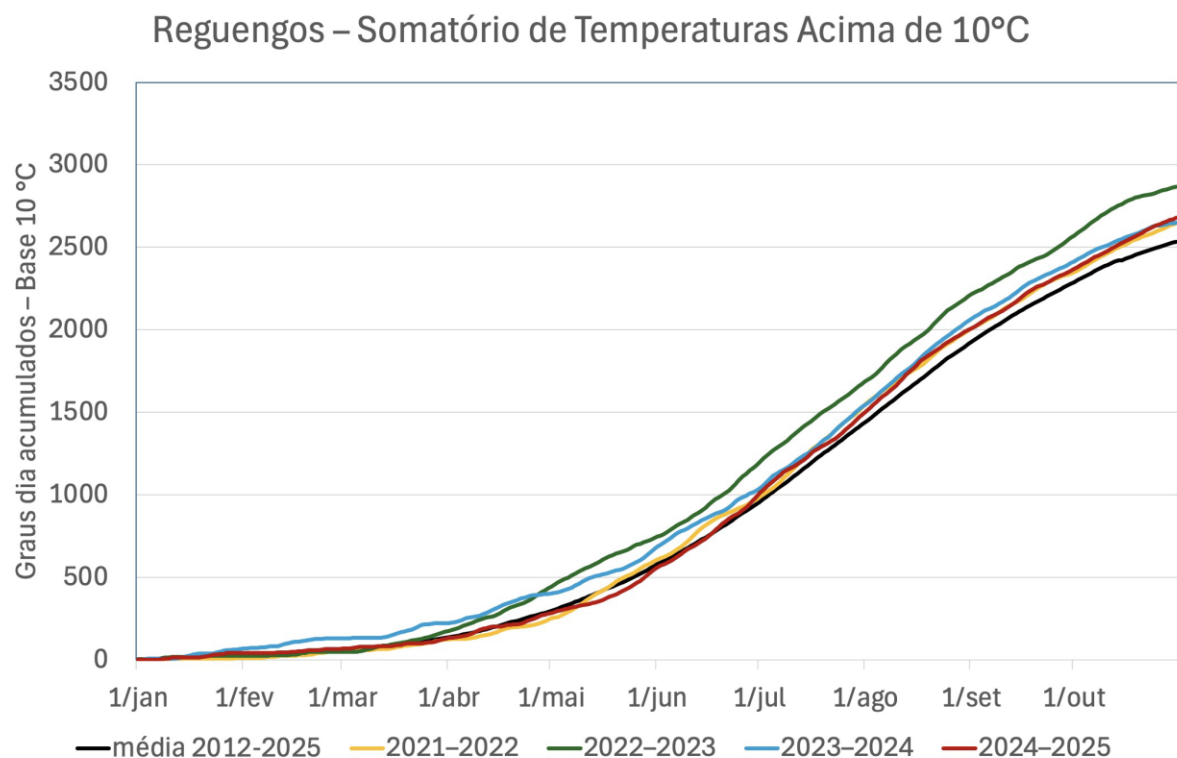


Figura 4.2. Acumulação de temperaturas ativas de janeiro a outubro em Reguengos. Dados extraídos de FieldClimate.

Dias Quentes – Temp max>35°C					Reguengos					Dias Muito Quentes – Temp max>40°C				
mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025
Abr	0	1	0	0	Abr	0	0	0	0	Abr	0	0	0	0
Mai	2	0	3	4	Mai	0	0	0	0	Mai	0	0	0	0
Jun	7	10	3	11	Jun	1	3	0	3	Jun	1	3	0	3
Jul	16	18	21	21	Jul	4	1	7	3	Jul	4	1	7	3
Ago	15	17	24	19	Ago	3	7	2	9	Ago	3	7	2	9
Set	4	2	1	4	Set	0	0	0	0	Set	0	0	0	0
Out	0	4	0	0	Out	0	0	0	0	Out	0	0	0	0
Ano	45	52	52	59	Ano	8	11	9	15					

Figura 4.3. Dias quentes e muito quentes em Reguengos. Dados extraídos de FieldClimate

Noites Tropicais – Temp min≥20°C					Reguengos					Amplitude Térmica — Tmax-Tmin				
mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025
Abr	0	0	0	0	Abr	13	18	15	11	Abr	13	18	15	11
Mai	0	0	0	0	Mai	16	16	18	16	Mai	16	16	18	16
Jun	1	4	0	2	Jun	17	16	16	18	Jun	17	16	16	18
Jul	1	1	2	2	Jul	19	19	20	19	Jul	19	19	20	19
Ago	2	7	2	5	Ago	19	19	20	19	Ago	19	19	20	19
Set	1	0	1	0	Set	16	14	16	16	Set	16	14	16	16
Out	0	0	0	0	Out	13	12	10	16	Out	13	12	10	16
Ano	5	12	5	9	Ano	16	16	16	16					

Figura 4.4. Noites tropicais e amplitudes térmicas registradas em Reguengos.

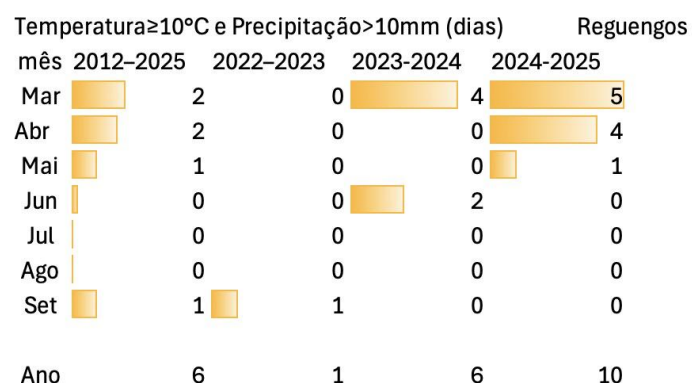


Figura 4.5. Número de dias com condições climáticas propícias ao desenvolvimento do mildio em Reguengos

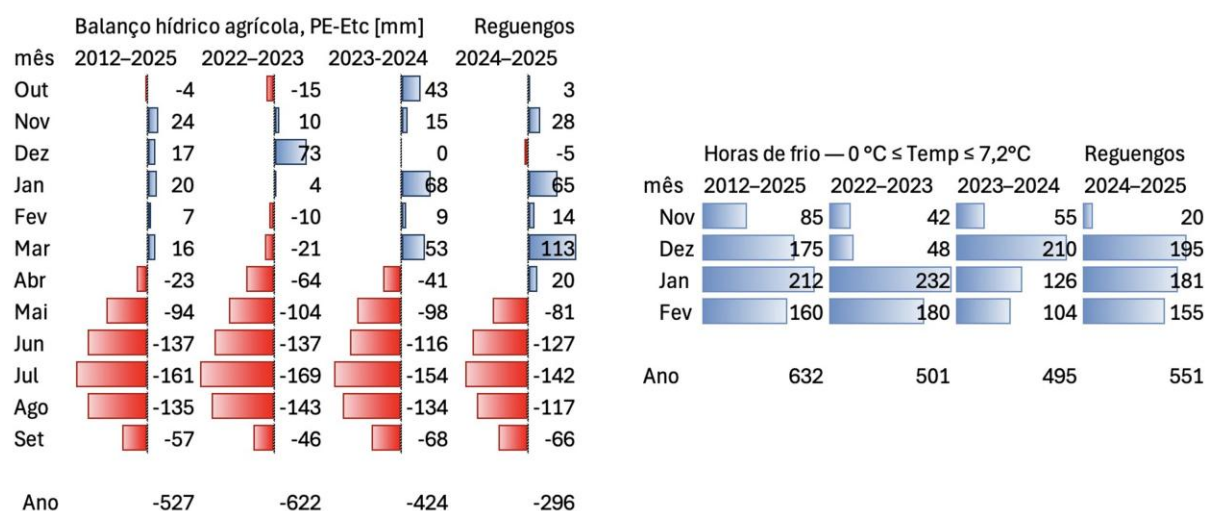


Figura 4.6. Balanço hídrico agrícola (somatório da diferença entre a precipitação efetiva e a evapotranspiração da cultura, esquerda) e somatório das horas de frio de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro (direita) em Reguengos.

A acumulação de horas de frio foi suficiente para satisfazer as necessidades da vinha em todos os anos medidos (Figura 4.6).

Fenologia

O abrolhamento ocorreu a 23 de Fevereiro e a floração a 20 de Maio. O início da maturação (pintor) ocorreu a 2 de Julho. A vindima iniciou a 31 de Julho e prolongou-se até 24 de Setembro.

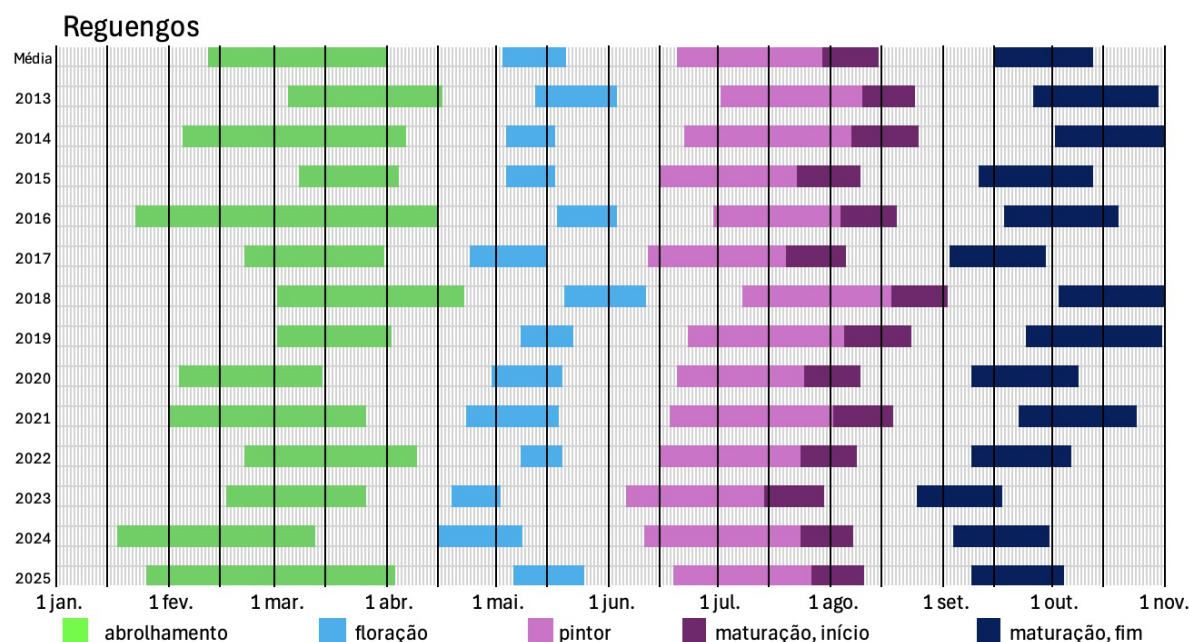


Figura 4.7. Estados fenológicos da videira em Reguengos. O abrolhamento ocorre entre 35 e 135° dia (somatório das temperaturas ativas— acima de 10°C — a partir de janeiro); a floração entre 310 e 450° dia; o pintor entre os 800 e 140° dia; o início da vindima entre os 1400 e os 1650 ° dia e o fim entre 2100 e 2400° dia.

Balanço fitossanitário

Tal como no ano anterior, o inverno e o início da primavera foram marcados por elevada pluviosidade, o que inicialmente fazia prever um ano particularmente favorável ao desenvolvimento do míldio. Contudo, a doença foi rapidamente controlada com os primeiros tratamentos, com exceção de alguns casos pontuais.

Relativamente ao oídio, a doença mais predominante na região, o seu controlo eficaz resultou do número adequado de tratamentos aplicados (muitos deles coincidentes com os anti-míldio) e da monitorização contínua das vinhas, sobretudo nas zonas e castas mais suscetíveis.

As doenças do lenho continuaram a ser motivo de preocupação, mantendo-se a vigilância nas áreas e variedades mais afetadas. Sempre que necessário, foi reforçada junto dos associados a importância das medidas profiláticas para minimizar a sua incidência.

A cigarrinha-verde permaneceu como a principal praga, e, devido à menor eficácia dos produtos disponíveis, foi necessário repetir tratamentos. Ainda assim, este ano a sua ação foi menos devastadora, registando-se ataques apenas no pós-vindima.

O aranhaço-amarelo e a acariose mantiveram-se sem expressão significativa, com apenas alguns casos isolados.

A traça da uva continuou a ser relevante apenas numa zona específica (Caridade), sem necessidade de tratamento, sendo que as armadilhas instaladas em toda a região registaram capturas muito baixas.

Os invernos mais próximos da normalidade em termos de precipitação nos últimos dois anos permitiram melhor disponibilidade de água no solo em algumas vinhas de Reguengos de

Monsaraz. A água armazenada e a melhoria dos furos contribuíram para suprir as necessidades hídricas durante o ciclo vegetativo, atenuando os efeitos de períodos de calor excessivo ou escaldão.

O escaldão ocorreu de forma pontual, sem causar danos de grande relevância. Registou-se, contudo, um episódio de trovoada com queda intensa de granizo, que provocou prejuízos significativos a alguns viticultores localizados na área afetada.

Foi um ano que, desde o início, gerou preocupação pela reduzida quantidade de cachos observada, preocupação essa que se confirmou no final com uma diminuição generalizada da produção. Apesar disso, a qualidade das uvas manteve-se — e até melhorou — em relação ao ano anterior, o que certamente se refletirá na qualidade dos mostos e dos vinhos produzidos.

Em Reguengos de Monsaraz, a CARMIM registou uma quebra de produção de cerca de 6% face à campanha anterior.

Vidigueira

Hugo Pardal

Clima

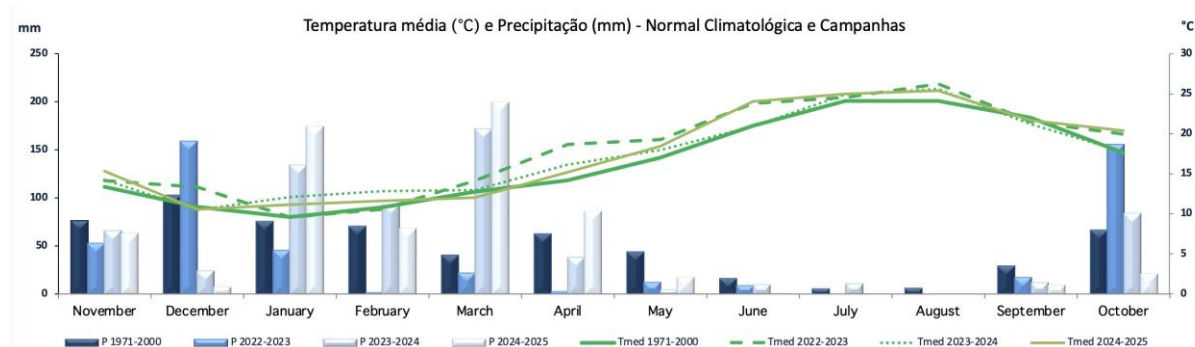


Figura 5.1. Temperaturas e precipitações mensais na Vidigueira. Fonte: Ibermeteo.

A temperatura média anual foi 0,5°C acima da média dos últimos 14 anos. A precipitação anual foi 28% acima da média de 2012-2025 e semelhante à da campanha passada, totalizando 757 mm de precipitação entre outubro de 2024 e Setembro de 2025. À semelhança do Alto Alentejo e do Alentejo Central, a distribuição das chuvas foi concentrada nos meses de janeiro a abril que receberam 75% da precipitação anual em vez 50% (Figura 5.1 e Tabelas 6.1 e 6.3). As temperaturas, em novembro janeiro e fevereiro, foram 2,2°C, 1,2°C, e 0,7°C acima do normal, respetivamente (Tabela 6.3). As condições quentes e húmidas foram ideais para o desenvolvimento do míldio no início da campanha (Figura 5.5). À semelhança da campanha passada, o verão foi mais quente e mais seco que a média de 14 anos (Tabela 6.1). Temperaturas acima de 35 °C ocorreram de maio a setembro, totalizando 36 dias (Tabela 5.1). As temperaturas ultrapassaram os 40°C em junho e agosto (Tabela 4.1). A acumulação de temperaturas acima de 10°C, entre janeiro e outubro, totalizou 2613° (+193° ou 8% acima da média de 14 anos, e +74° em relação à campanha passada) (Figura 5.2 e Tabela 6.5).

O balanço hídrico anual (Σ (precipitação – evapotranspiração)) foi negativo, totalizando um déficit de 450 mm (Tabela 6.4). A primavera e o verão foram caracterizados por um déficit de 762 mm. Valores positivos registraram-se no inverno e outono, com um excedente de 312 mm (Tabela 6.4).

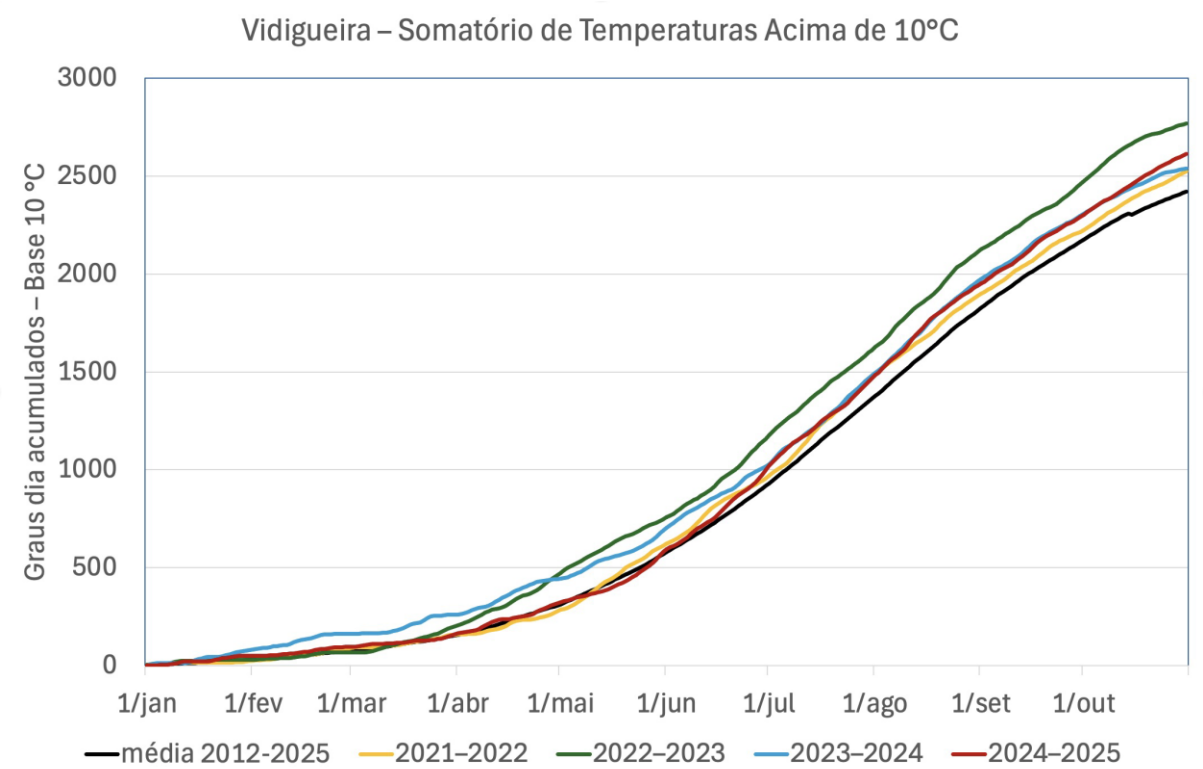


Figura 5.2. Acumulação de temperaturas ativas na Vidigueira. Dados extraídos de FieldClimate.

Dias Quentes – Temp max>35°C					Dias Muito Quentes – Temp max>40°C				
mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025	mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025
Abr	0	1	0	0	Abr	0	0	0	0
Mai	1	0	3	4	Mai	0	0	0	0
Jun	6	9	2	10	Jun	1	1	0	3
Jul	12	9	15	16	Jul	1	0	2	0
Ago	11	14	15	14	Ago	1	4	0	4
Set	2	2	1	2	Set	0	0	0	0
Out	0	1	0	0	Out	0	0	0	0
Ano	32	36	36	46	Ano	4	5	2	7

Figura 5.3. Dias quentes e muito quentes na Vidigueira. Dados extraídos de FieldClimate.

O balanço hídrico agrícola —diferença entre a precipitação efetiva (PE) e a evapotranspiração da cultura (ETc) é um índice mais útil visto que serve de base ao cálculo das necessidades de rega. O balanço hídrico agrícola foi positivo de outubro a março e negativo de maio a setembro em totalizando um deficit anual de 265 mm (Figura 5.5).

Noites tropicais⁶ ocorreram 3 vezes em junho, 4 vezes em julho e 7 vezes em agosto (Figura 5.4). A Vidigueira registou uma média de 14 °C de diferença entre a temperatura máxima e a mínima. Estes valores são intermédios entre o Alto Alentejo (12-13°C) e o Alentejo Central (16-17°C).

A acumulação de horas de frio foi inferior a 400 horas, o que pode não ser suficiente para as castas mais exigentes (Figura 5.5) e resultar em abrolhamento irregular.

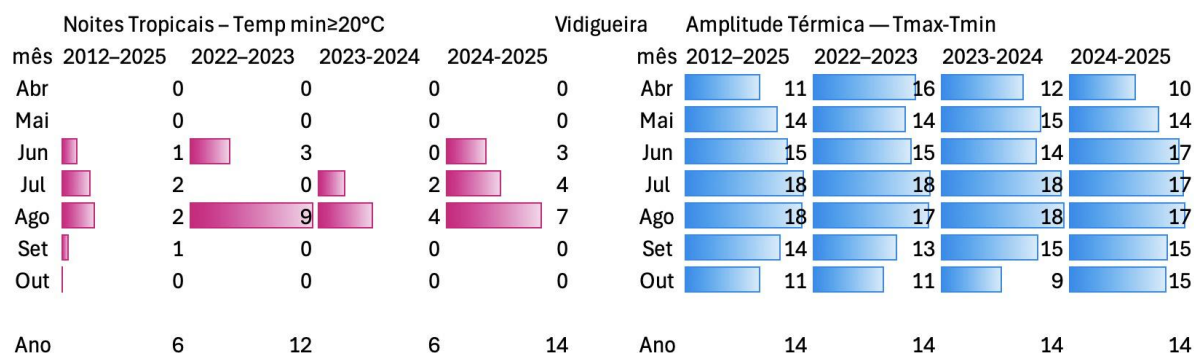


Figura 5.4. Noites tropicais e amplitudes térmicas registadas na Vidigueira

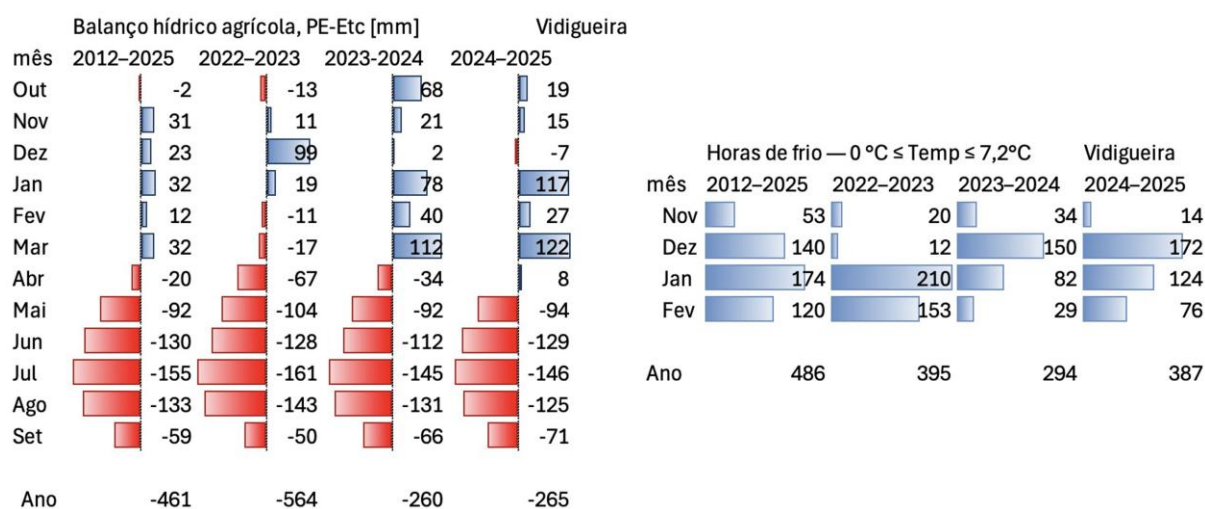


Figura 5.5. Balanço hídrico agrícola (somatório da diferença entre a precipitação efetiva e a evapotranspiração da cultura, esquerda) e somatório das horas de frio de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro (direita) na Vidigueira

⁶ Noites tropicais: temperatura mínima diária igual ou superior a 20°C













Temperatura $\geq 10^{\circ}\text{C}$ e Precipitação $> 10\text{mm}$ (dias)					Vidigueira	
mês	2012-2025	2022-2023	2023-2024	2024-2025		
Mar		3	0		3	
Abr		2	0		1	
Mai		1	0	0	0	0
Jun		0	0	0	0	0
Jul		0		1	0	0
Ago		0	0	0	0	0
Set		1	1	0	0	0
Ano	6	1	5	10		

Figura 5.5. Número de dias com condições climáticas propícias ao desenvolvimento do mildio na Vidigueira.

Fenologia

O abrolhamento ocorreu a 20 de Fevereiro e a floração a 8 de maio. O início da maturação (pintor) ocorreu a 26 de Junho. A vindima iniciou a 18 de Julho na região, mas os sócios da adega cooperativa iniciaram a 18 de Agosto, terminando a 26 de Setembro.

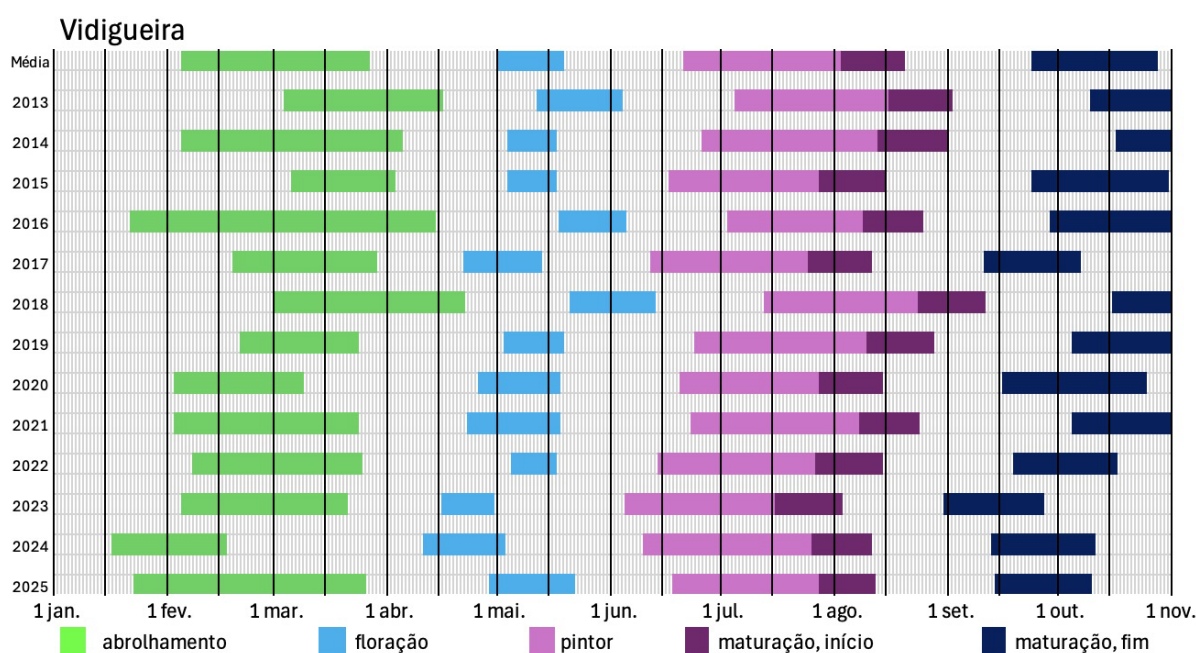


Figura 5.6. Estados fenológicos da videira na Vidigueira. O abrolhamento ocorre entre 35 e 135° dia (somatório da temperatura acumulada acima de 10°C a partir de janeiro); a floração entre 310 e 450° dia; o pintor entre os 800 e 140° dia; o início da vindima entre os 1400 e os 1650 ° dia.

Balanço fitossanitário

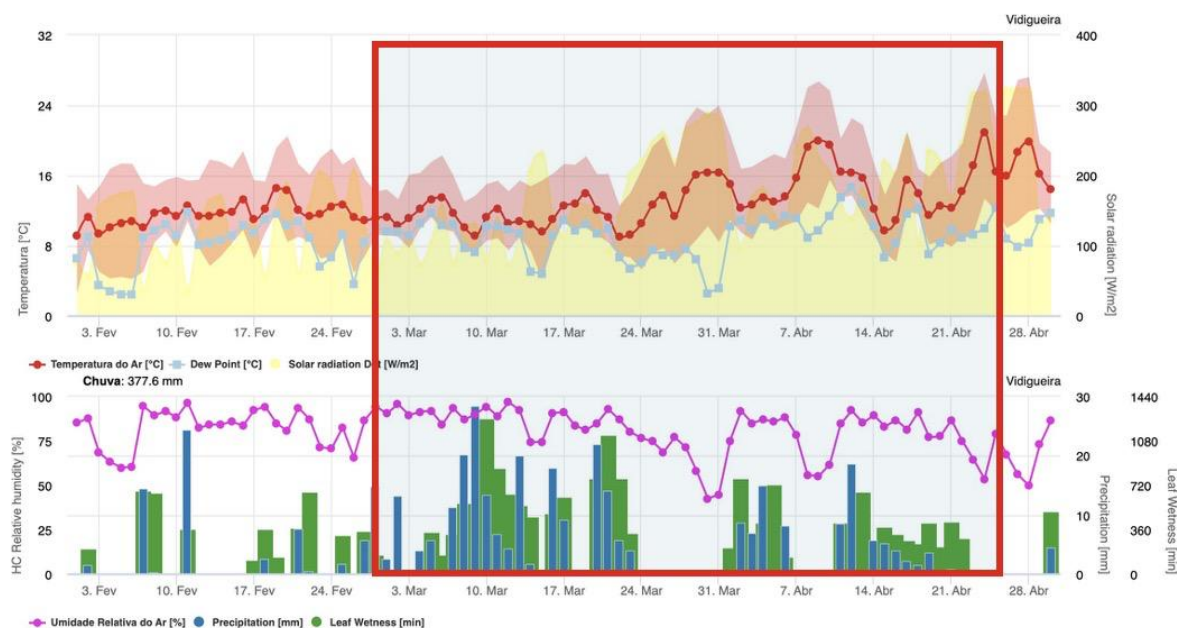


Figura 5.7. Temperatura, humidade relativa, precipitação diária e folha molhada durante o início da campanha de 2025 na Vidigueira.

Durante a campanha de 2025, na região da Vidigueira, à semelhança do ocorrido e em 2024, destacou-se um período particularmente relevante no contexto do desenvolvimento e proteção da vinha, e que viria a ser determinante para a caracterização desta campanha. Este intervalo decorreu desde o início de março até ao fim de abril e está assinalado na Figura acima.

Neste espaço temporal, observou-se uma sucessão de dias com amplitudes térmicas relevantes, principalmente no seu limite inferior, havendo dias onde as máximas rondavam os 15/16°C, mas as mínimas caíram até aos 4°C, sendo que muitas noites rondaram os 7 ou 8°, o que é excecionalmente frio para a época e condiciona toda a biologia da videira e das espécies que com ela interagem.

Simultaneamente, ocorriam precipitações quase diárias que totalizaram os 206mm durante o mês de março. Esta combinação de condições ocorreu numa fase em que as videiras já se encontravam em plena atividade, apresentando vegetação já desenvolvida, uma vez que os abrolhamentos já se tinham dado no final de fevereiro, devido a múltiplos dias com máximas a rondar os 20°C.

Este quadro impactou fortemente a população de cicadelas, cuja importância para a cultura da vinha é bastante elevada, por constituir a principal praga nesta sub-região, com grande impacto económico. Os indivíduos hibernantes desta praga encontraram condições adequadas para sair da hibernação no final de fevereiro, mas o mês seguinte, não só impediu que esta se multiplicasse na cultura, mas até que se chegasse a instalar sequer. Decorrente das condições climatéricas acima mencionadas, foi possível observar que, ao contrário da campanha anterior, as populações de cicadela tiveram, desde o início do ciclo, uma grande dificuldade em se reproduzir, o que foi sempre confirmado pelo muito baixo número de capturas nas armadilhas.

Assim, esta campanha demarcou-se das anteriores por não haver, na quase totalidade das explorações, necessidade de tratamentos para controlo de cicadela, uma vez que o Nível Económico de Ataque quase nunca foi atingido. Apenas em alguns locais, muito específicos, devido ao vigor excessivo das videiras, e só por volta do final de agosto, houve necessidade de controlar a praga, com recurso a inseticidas.

Paralelamente, este mesmo período teve um papel crucial na dinâmica do míldio, contribuindo para o desenvolvimento das infeções observadas mais tarde em diversas vinhas. Apesar de as temperaturas mínimas terem sido demasiado baixas para favorecer a cicadela, as médias térmicas, combinadas com a humidade resultante das chuvas, criaram condições propícias à ocorrência de infeções primárias deste fungo. Nas situações em que os viticultores optaram por não realizar tratamentos preventivos – por considerarem o risco de míldio reduzido ou inexistente – verificaram-se posteriormente ataques severos, com perdas significativas na produção, principalmente na casta Antão Vaz.

As infeções de oídio não foram relevantes, em grande parte devido às intervenções ao míldio também terem sido acompanhadas de fungicidas para combate a esta doença, pelo que o inóculo esteve sempre controlado, o que contribuiu para o seu diminuto desenvolvimento, apesar de encontrar condições favoráveis.

Apesar das temperaturas elevadas registadas no verão, o fenómeno do escaldão não teve a mesma expressão que na campanha anterior. A subida gradual das temperaturas ao longo do final da primavera, aliada às chuvas concentradas nesse período (Março a Abril), permitiu que as videiras enfrentassem o verão com maior vigor e resiliência, conseguindo suportar melhor o stress térmico e solar.

De grande relevância, a elevada quebra de produção que se registou por toda a região. Apesar de não serem claras quais as razões, a campanha de 2025 registou valores de produtividade mais baixos que o habitual nos últimos anos, chegando a haver algumas explorações com reduções na ordem dos 50 a 60%.

De acordo com o que nos foi dado a observar, a produção potencial, ou seja, o número de cachos presentes em cada cepa era reduzido desde os estados fenológicos iniciais, (de forma muito acentuada na casta Antão Vaz) devendo-se, portanto, a fatores ligados à fisiologia da videira, condicionados pela evolução das campanhas anteriores, em que os recursos hídricos são escassos e as temperaturas são extremamente elevadas, durante largos períodos.

Anexo — Dados climáticos

Tabela 6.1. Temperaturas e precipitação sazonais nas estações meteorológicas de Portalegre, Borba, Redondo, Évora, Redondo e Vidigueira. Dados extraídos de FieldClimate.

	Média 2012-25		Campanha 2022-23		Campanha 2023-24		Campanha 2024-25		Var. Temp 2024-25 vs' média	Distribuição da Precipitação Média	Distribuição da Precipitação 2024-25	Var. Precipitação 2024-25 vs' média
	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	%	%	%
Portalegre												
Inverno	9,5	340	9,5	221	10,5	477	9,6	552	0,1	33%	44%	63%
Primavera	15,7	211	17,4	95	16,1	225	16,1	242	0,3	21%	19%	14%
Verão	23,3	51	23,4	148	23,6	13	24,5	24	1,2	5%	2%	-54%
Outono	13,8	415	15,0	690	14,1	678	14,0	449	0,2	41%	35%	8%
Ano	15,7	1017	16,4	1153	16,2	1392	16,2	1267	0,5	100%	100%	25%
Borba												
Inverno	9,9	235	9,9	130	11,0	316	10,0	401	0,1	32%	42%	71%
Primavera	16,4	180	18,3	93	16,7	180	16,7	272	0,3	24%	28%	51%
Verão	23,6	39	23,7	78	23,7	5	24,7	16	1,1	5%	2%	-59%
Outono	14,3	289	15,9	487	15,1	375	14,3	274	0,0	39%	28%	-5%
Ano	16,2	743	17,0	788	16,7	875	16,6	963	0,4	100%	100%	30%
Redondo												
Inverno	9,9	215	10,0	99	10,9	275	10,2	419	0,3	33%	54%	95%
Primavera	16,8	164	18,7	41	17,1	179	17,1	282	0,2	25%	36%	72%
Verão	24,1	31	24,7	59	24,4	3	25,0	14	0,9	5%	2%	-56%
Outono	14,2	241	15,6	383	14,9	271	14,7	66	0,5	37%	8%	-73%
Ano	16,4	651	17,4	583	16,9	728	16,9	780	0,5	100%	100%	20%
Évora												
Inverno	10,0	213	10,1	100	11,0	275	10,2	511	0,2	31%	48%	140%
Primavera	16,7	164	18,6	45	16,9	121	17,0	225	0,3	24%	21%	37%
Verão	23,6	32	24,3	68	24,0	1	24,4	6	0,8	5%	1%	-81%
Outono	14,4	278	16,0	379	15,2	292	14,9	316	0,5	40%	30%	14%
Ano	16,3	688	17,4	591	16,9	689	16,7	1058	0,4	100%	100%	54%
Reguengos												
Inverno	10,3	168	10,5	63	11,2	230	10,5	334	0,3	33%	49%	99%
Primavera	17,5	121	19,6	30	17,8	107	17,7	175	0,2	23%	26%	44%
Verão	24,8	29	25,4	36	25,2	12	25,6	8	0,8	6%	1%	-73%
Outono	15,0	198	16,6	218	15,7	208	15,3	165	0,3	38%	24%	-17%
Ano	17,0	517	18,1	348	17,6	558	17,4	682	0,4	100%	100%	32%
Vidigueira												
Inverno	10,8	205	11,1	105	12,1	322	11,2	422	0,4	35%	56%	106%
Primavera	17,1	134	19,2	11	17,4	163	17,6	161	0,4	23%	21%	20%
Verão	23,7	31	24,5	31	24,0	12	24,7	3	0,9	5%	0%	-90%
Outono	15,3	223	16,8	255	16,1	269	15,6	171	0,4	38%	23%	-23%
Ano	16,8	593	18,0	402	17,5	766	17,4	757	0,5	100%	100%	28%

Tabela 6.2. Temperaturas médias e precipitações mensais de Portalegre, Borba e Redondo. Dados extraídos de FieldClimate.

	Média 2012-25		Campanha 2022-23		Campanha 2023-24		Campanha 2024-25		Var. Temp 2024-25 vs' média	Distribuição da Precipitação Média	Distribuição da Precipitação 2024-25	Var. Precipitação 2024-25 vs' média
	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	%	%	%
Portalegre												
Out	17,0	157	18,5	119	18,0	292	15,7	303	-1,2	15%	24%	93%
Nov	11,6	134	12,0	211	12,1	267	13,8	74	2,2	13%	6%	-45%
Dez	9,6	129	11,1	398	9,1	69	10,0	31	0,4	13%	2%	-76%
Jan	8,7	144	7,9	131	10,6	236	9,4	288	0,7	14%	23%	100%
Fev	9,6	84	9,6	10	11,3	124	9,8	79	0,2	8%	6%	-6%
Mar	10,9	134	12,1	47	11,2	208	10,0	250	-0,9	13%	20%	87%
Abr	13,5	92	16,8	12	15,0	68	13,4	133	-0,1	9%	10%	45%
Mai	17,1	52	17,3	55	16,4	18	16,8	41	-0,3	5%	3%	-20%
Jun	20,7	21	22,3	28	19,9	50	23,4	8	2,7	2%	1%	-61%
Jul	24,0	5	23,6	0	24,5	5	24,9	2	0,9	0%	0%	-64%
Ago	24,4	4	25,5	0	25,7	0	25,9	0	1,4	0%	0%	-94%
Set	20,7	62	19,9	140	20,0	56	20,3	58	-0,4	6%	5%	-7%
Ano	15,7	1017	16,4	1153	16,2	1392	16,2	1267	0,5	100%	100%	25%
Borba												
Out	17,6	107	19,5	115	19,4	223	16,5	165	-1,1	14%	17%	54%
Nov	12,1	102	12,9	108	13,1	108	13,9	82	1,8	14%	9%	-19%
Dez	9,9	78	12,1	275	9,4	34	9,3	8	-0,6	10%	1%	-89%
Jan	9,0	82	8,3	80	10,8	127	9,9	159	0,9	11%	17%	95%
Fev	10,0	68	9,1	18	11,9	90	10,6	66	0,6	9%	7%	-3%
Mar	11,5	116	13,3	23	11,9	165	10,7	230	-0,8	16%	24%	99%
Abr	14,3	83	17,7	11	15,6	31	14,0	180	-0,3	11%	19%	116%
Mai	17,7	38	18,1	29	17,2	8	17,7	38	-0,1	5%	4%	-1%
Jun	21,2	18	22,8	53	20,3	72	23,8	3	2,6	2%	0%	-81%
Jul	24,3	2	23,9	0	25,0	2	25,1	10	0,8	0%	1%	392%
Ago	24,5	2	25,6	0	25,4	0	26,0	1	1,5	0%	0%	-66%
Set	21,3	48	20,7	75	20,3	15	20,8	20	-0,5	6%	2%	-58%
Ano	16,2	743	17,0	788	16,7	875	16,6	963	0,4	100%	100%	30%
Redondo												
Out	17,5	89	18,6	80	19,0	147	17,3	21	-0,1	14%	3%	-76%
Nov	12,1	82	12,8	85	12,8	87	14,2	25	2,1	13%	3%	-70%
Dez	9,8	74	12,4	230	9,0	36	9,5	8	-0,3	11%	1%	-90%
Jan	8,9	75	8,6	53	10,9	127	9,8	162	0,9	12%	21%	116%
Fev	10,1	54	9,3	10	11,8	63	10,3	70	0,2	8%	9%	29%
Mar	11,7	110	12,8	24	12,3	166	11,5	227	-0,2	17%	29%	107%
Abr	14,5	84	17,8	5	15,4	67	14,6	207	0,0	13%	27%	146%
Mai	18,1	33	19,0	4	17,7	6	17,8	33	-0,4	5%	4%	2%
Jun	21,9	10	23,8	33	21,1	23	24,1	9	2,2	1%	1%	-10%
Jul	24,9	3	25,1	0	25,6	1	25,5	0	0,6	0%	0%	-100%
Ago	25,0	1	26,5	0	26,0	0	26,2	2	1,1	0%	0%	75%
Set	21,4	36	21,0	58	21,1	5	21,1	16	-0,3	6%	2%	-55%
Ano	16,4	651	17,4	583	16,9	728	16,9	780	0,5	100%	100%	20%

Tabela 6.3. Temperaturas médias e precipitações mensais de Évora, Reguengos e Vidigueira. Dados extraídos de FieldClimate.

	Média 2012-25		Campanha 2022-23		Campanha 2023-24		Campanha 2024-25		Var. Temp 2024-25 vs' média	Distribuição da Precipitação Média	Distribuição da Precipitação 2024-25	Var. Precipitação o 2024-25 vs' média
	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	mm	°C	%	%	%
Évora												
Out	17,6	111	19,2	97	19,2	179	17,6	206	-0,1	16%	19%	86%
Nov	12,3	94	13,2	66	13,3	82	14,4	94	2,0	14%	9%	-1%
Dez	9,7	79	12,7	237	9,1	32	9,1	9	-0,6	12%	1%	-88%
Jan	9,1	79	8,6	47	10,9	136	9,9	187	0,8	11%	18%	138%
Fev	10,2	59	9,3	6	12,0	61	10,7	95	0,5	9%	9%	61%
Mar	11,9	107	13,2	28	12,4	152	11,7	299	-0,2	16%	28%	180%
Abr	14,5	71	17,8	6	15,4	25	14,6	120	0,1	10%	11%	68%
Mai	17,9	36	18,8	16	17,6	4	17,7	31	-0,2	5%	3%	-14%
Jun	21,4	11	23,5	22	20,8	14	23,6	3	2,2	2%	0%	-68%
Jul	24,2	3	24,4	0	25,0	0	24,8	0	0,6	0%	0%	-94%
Ago	24,5	2	25,9	0	25,4	0	25,3	0	0,9	0%	0%	-80%
Set	21,4	35	21,2	67	21,0	3	20,8	13	-0,6	5%	1%	-64%
Ano	16,3	688	17,4	591	16,9	689	16,7	1058	0,4	100%	100%	54%
Reguengos												
Out	18,4	68	19,9	45	20,0	125	18,0	70	-0,4	13%	10%	4%
Nov	12,8	78	13,8	51	13,7	61	14,8	82	2,0	15%	12%	6%
Dez	10,1	53	12,8	128	9,4	23	9,8	7	-0,3	10%	1%	-87%
Jan	9,2	60	9,0	34	11,2	123	10,1	119	0,9	12%	17%	98%
Fev	10,5	44	9,9	8	12,2	46	10,7	53	0,2	9%	8%	20%
Mar	12,3	81	13,5	15	12,7	119	11,9	194	-0,4	16%	28%	138%
Abr	15,2	58	18,7	9	16,0	30	15,1	108	-0,1	11%	16%	87%
Mai	18,9	29	19,8	10	18,6	1	18,6	35	-0,4	6%	5%	22%
Jun	22,6	8	24,8	11	22,0	25	24,8	5	2,2	1%	1%	-28%
Jul	25,5	2	25,9	0	26,3	1	26,0	1	0,5	0%	0%	-46%
Ago	25,7	2	27,1	0	26,8	0	26,6	0	0,9	0%	0%	-100%
Set	22,2	36	21,8	36	21,7	5	21,9	8	-0,3	7%	1%	-78%
Ano	17,0	517	18,1	348	17,6	558	17,4	682	0,4	100%	100%	32%
Vidigueira												
Out	18,4	74	20,0	54	20,0	156	17,8	90	-0,7	13%	12%	21%
Nov	13,2	88	14,2	56	14,3	72	15,4	65	2,2	15%	9%	-26%
Dez	10,8	64	13,4	161	10,5	28	10,5	9	-0,3	11%	1%	-86%
Jan	9,9	77	9,6	60	12,1	137	11,1	186	1,2	13%	25%	142%
Fev	10,9	54	10,6	4	12,9	94	11,6	76	0,7	9%	10%	41%
Mar	12,5	100	14,1	25	13,0	194	12,0	206	-0,5	17%	27%	106%
Abr	15,1	63	18,7	3	16,1	44	15,2	96	0,1	11%	13%	52%
Mai	18,5	25	19,3	4	18,0	5	18,4	19	0,0	4%	2%	-26%
Jun	21,6	7	23,7	4	20,9	10	24,1	0	2,4	1%	0%	-94%
Jul	24,3	2	24,6	0	24,9	11	25,0	0	0,7	0%	0%	-100%
Ago	24,6	3	26,2	0	25,6	0	25,4	0	0,8	0%	0%	-100%
Set	21,7	36	21,5	31	21,2	16	21,7	11	0,0	6%	1%	-71%
Ano	16,8	593	18,0	402	17,5	766	17,4	757	0,5	100%	100%	28%

Tabela 6.4. Balanço hídrico (somatório da diferença entre a precipitação e a evapotranspiração potencial) de outubro a setembro (ano hídrico).

Balanço Hídrico — Precipitação-Evapotranspiração potencial [mm]					
	Média 2012-2025	2021–2022	2022–2023	2023–2024	2024–2025
Portalegre					
Outono e Inverno	497	111	640	928	775
Primavera e Verão	-553	-599	-645	-574	-528
Ano	-56	-488	-6	355	246
Borba					
Outono e Inverno	275	0	415	484	479
Primavera e Verão	-625	-506	-672	-593	-411
Ano	-350	-506	-257	-109	68
Redondo					
Outono e Inverno	194	26	225	305	240
Primavera e Verão	-687	-656	-853	-730	-566
Ano	-493	-630	-629	-425	-326
Évora					
Outono e Inverno	198	19	212	312	585
Primavera e Verão	-764	-663	-908	-838	-699
Ano	-567	-644	-696	-526	-114
Reguengos					
Outono e Inverno	73	-102	0	177	246
Primavera e Verão	-827	-792	-960	-825	-702
Ano	-754	-895	-960	-648	-455
Vidigueira					
Outono e Inverno	116	-123	50	315	312
Primavera e Verão	-791	-756	-970	-735	-762
Ano	-675	-879	-921	-420	-450

Tabela 6.5. Somatório das temperaturas ativas entre janeiro e outubro.

Somatório de temperaturas acima de 10°C [ΣGDD]						Var. ΣGDD	Var. ΣGDD	Var. ΣGDD	Var. ΣGDD
						2024-25 vs'	2024-25 vs'	2024-25 vs'	2024-25 vs'
Média 2012-2025						média	média	2023-2024	2023-2024
						%	° dia	%	° dia
Alentejo									
Portalegre	2162	2303	2364	2254	2311	7%	150	3%	58
Borba	2278	2449	2536	2352	2440	7%	162	4%	88
Redondo	2355	2473	2656	2480	2526	7%	171	2%	47
Évora	2306	2394	2626	2428	2474	7%	168	2%	46
Reguengos	2535	2647	2866	2651	2679	6%	144	1%	29
Vidigueira	2420	2523	2769	2539	2613	8%	193	3%	74

Autores: M. Carmo Vasconcelos, Nuno Chegadinho, António Rosa, António Mau e Hugo Pardal